

Capão, outras histórias

Valter Ferraz

1ª Edição

Câmara Brasileira de Jovens Escritores

Copyright©Valter Ferraz

Câmara Brasileira de Jovens Escritores
Rua Crundiúba 71/201F - Cep 21931-500
Rio de Janeiro - RJ
Tel.: (21) 3393-2163
www.camarabrasileira.com
cbje@globo.com

Agosto de 2007

Primeira Edição

Coordenação editorial: Gláucia Helena
Editor: Georges Martins
Produção gráfica: Alexandre Campos
Revisão: do autor

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra, por qualquer meio e para qualquer fim, sem a autorização prévia, por escrito, do autor.

Obra protegida pela Lei de Direitos Autorais

Valter Ferraz

Capão, outras histórias

Agosto de 2007

Rio de Janeiro - Brasil

Para

*Minha esposa Ana, meus filhos Pablo,
Tiago e Camila,
Para meu neto Erick,
Com todo o amor.
Ao amigo Wilson Falchi, leitor
desde os primeiros tempos.*

AGRADECIMENTOS

Este livro não teria sido possível não fosse a intervenção objetiva de algumas pessoas. Eu não estaria sendo honesto se não as mencionasse. Correndo o risco de citar algumas e deixar outras de fora, gostaria de deixar aqui um agradecimento especial a: Sérgio Bonfim (o Serbon), Maria Elisa Guimarães (Meg), Ricardo Ramos Filho, Vivina de Assis Viana, Ery Roberto Corrêa, Marília Alvarenga e a todos os amigos blogueiros que me incentivaram a concluir este relato. A todos meu muito obrigado.

“...o mundo é diferente da ponte prá cá!”
Mano Brown, na música: “Da ponte prá cá”.
Fazendo menção à ponte João Dias.

IN MEMORIAN

Alemão, Ângelo, Bolinha, Careca, Carlinhos, Cláudio, Coelho, Crispim, Dé, Dodozinho, Evaldo, Felipe, Gago, Gilson, Laio, Leandro (Come-Come), Magoo, Marcelo de Jesus, Marilene, Mauricinho, Neguinho, Padre Mariano, Paulinho, Paulo, Quirino, Renata, Rildo, Varal, Willian...

E muitos outros mais, que a memória já não alcança.

ÍNDICE

A FIRMA	21
IVETE	27
SONINHA	31
NA ATIVIDADE	39
PADRE MARIANO	43
ACERTANDO AS CONTAS	47
GATO E RATO	53
DE VOLTA À ROTINA	59
IRMÃOS CORVO	61
QUIRINO	69
ESPAÇO NA VAN	73
SANTA EDWIGES	83
LUCINHA	87
QUERMESSE NA VILA	93
FINAL	97
PASSANDO A RÉGUA	103

PROVA 01
CBJE

PREFÁCIO

Escrever parece fácil. As armadilhas multiplicam-se quando resolvemos redigir os textos mais simples. Frequentemente caímos na mais comum delas, a idéia de que podemos imaginar tudo, a matéria ficcional nascendo de nossa pura criação e inventividade. É quando tropeçamos, produzimos as maiores besteiras. Melhor calar o desconhecimento. Não podemos, nem devemos, colocar as personagens em lugares estranhos, por onde nunca andamos. Como explicar emoções, entender dificuldades enfrentadas por elas, descrever com exatidão seus olhares? Impossível. Se insistimos, e frequentemente o fazemos, perdemo-nos em prosa estéril, desprovida de ambientação adequada, tola.

Valter Ferraz tem os pés no chão. Cria com maestria universo perturbador. Circula pelos quarteirões do Capão Redondo atento, próximo e distante, isento. Percebe-se que as páginas formam-se nos balcões dos bares, nas filas da padaria, conversas de esquinas, pontos de conduções lotadas. As histórias, afinal, estão nas ruas para quem sabe ouvi-las e, principalmente, contá-las.

Mergulhar no mundo violento de Boka, Zaguinha, Guga e Padre Mariano, convivendo com amores em motéis da rodovia BR-116, ciúmes de Soninha, cotidianos crimes urbanos, é presenciar realidade que incomoda e fascina. O escritor fazendo a prosa escorrer tão fluida e viva como o sangue brota nas calçadas. A pena, completamente dominada, sabendo direitinho por onde ir, confortavelmente instalada em mãos que dominam o ofício. O livro fala com conhecimento de causa.

Ricardo Filho
11/07/07

PROVA 01
CBJE

APRESENTAÇÃO

Algumas pessoas me perguntaram por que escrevi este livro. Às vezes, me peguei, à noite, me fazendo a mesma pergunta. Afinal, não sou jornalista, interessado em notícias sangrentas. Nem cientista social, interessado em entender os problemas complexos que incidem sobre a enorme população que compõe a periferia de qualquer grande cidade brasileira. Sou apenas um morador da periferia da cidade de São Paulo. Esta história poderia ser uma ficção qualquer, se não contasse parte de uma história que eu e minha família conhecemos de perto. Tudo é real, aconteceu mesmo, ou passou muito perto. Meu único trabalho foi juntar tudo, alinhar mais ou menos em forma de texto e publicar. Não foi nem tão cansativo assim. Levei um bom tempo remoendo os fatos que se sucediam. Bastava sair à rua para ficar sabendo de um acontecimento aqui narrado. Algumas vezes, nem isto. As notícias chegavam pelo rádio, pela televisão, pelo jornal.

O bairro de Chácara Santa Helena está situado no extremo sul de São Paulo, nas vizinhanças do Capão Redondo. Um bairro pobre da periferia, como inúmeros outros. Um lugar onde moram pessoas boas e más, como deve acontecer em qualquer lugar do mundo. Um lugar onde as pessoas saem cedo de casa para trabalhar e enfrentar suas lutas. É também um lugar onde muitas pessoas saem de casa sem ser para trabalhar. O trabalho para elas tem outro significado. É num ambiente destes que pessoas bem intencionadas, porém pouco agraciadas pela sorte, criam seus filhos. Foi ali, no dia-a-dia simples de bairro pobre, que levei meus filhos para viver, depois de muito andar de uma cidade para outra.

Cheguei à Chácara Santa Helena por volta de 1985. Uma época de muito desemprego, inflação alta e pouca esperança. Época de Plano Cruzado, Cruzado II e derrocada. José Sarney era Presidente da República, mas este fato não alterava em nada a rotina do bairro. Pouca gente estava interessada no que acontecia em Brasília ou em qualquer lugar do mundo. Ali, a luta era outra. Sobreviver, dia após dia, era a grande tarefa de todos.

Eu saía todos os dias de casa à procura de emprego. Às vezes, caminhava pelo bairro. Sempre pensei melhor caminhando. Algumas vezes, caminhava por opção, mais tempo para refletir sobre as coisas. Outras, por necessidade. Não foram poucas as vezes em que fui dali até Santo Amaro, ou Brooklin, a pé, sem dinheiro para condução.

Minha esposa trabalhava num supermercado, no próprio bairro, e estava mais atenta que eu ao crescimento dos meninos.

Eles foram crescendo e os fatos se sucedendo. Amigos de escola enveredaram para o mundo do crime. Alguns foram presos. Outros morreram. Sobraram poucos. A maioria não avançou muito na vida. Alguns poucos conseguiram cursar uma faculdade, arranjar um bom emprego.

O Capão Redondo e os bairros ao seu redor são freqüentadores assíduos dos programas sensacionalistas da televisão. Quando criança, ouvia radialistas raivosos gritando, em programas populares. Exigiam a Rota na rua. Aos berros, conclamavam as autoridades a agirem em nome da segurança dos munícipes.

O tempo passou, veio a televisão. E nada mudou. Ou melhor, mudou. Para pior. Muito pior. E é sobre essa mudança que tratam as histórias aqui contadas.

Como já disse, tudo aqui é real. Apenas os nomes são trocados, por medida de segurança. Pois, como diz um dos personagens: *aqui, o bagulho é doído, Seo Valter.*

CAPÃO - OUTRAS HISTÓRIAS



Capão Redondo, inverno de 2007.

PROVA 01
CBJE

A FIRMA

Moravam por lá. Alguns, por lá mesmo nasceram. A Lourenço Dias é uma rua conhecida do Capão Redondo. Na verdade, ali onde ela se localiza é o Jardim Lídia. Mas pra gente, que está acostumado, passou da Vila das Belezas, antes de chegar ao Valo Velho, confrontando, lá em baixo, com o Jangadeiro, mais além com o Jardim Ângela e a Vila Remo, subindo o morro é Parque Santo Antônio. No meio, é tudo Capão Redondo, que o Ferréz já chamou de Capão Pecado. Ele não está errado. A atmosfera de fim de mundo está estampada no rosto de cada morador, nascido lá ou não.

O Boka veio de longe, Pernambuco. Chegou pequeno em São Paulo. Morou na Vila Brasilândia, pouco tempo. Logo seu pai arrumou um barraco na beira do córrego onde nascia a Favela da Enterpa. Ali se criou. Seo Ditinho lembra bem quando o velho Zaguinha chegou. Arruaceiro, em poucas semanas tinha arrumado briga em todos os botecos. A rua estreita, terra batida que um dia ainda seria asfaltada, servia de caminho pros avantajados caminhões da Enterpa, desde a madrugada até tarde da noite, carregados de lixo. Ou realizando a lavagem obrigatória, e a troca de turno. Seo Ditinho foi o pioneiro. Se alojou num barraco feito com caixotes de feira, onde trabalhava como marreteiro. Os padres do seminário deixaram que ele ficasse. Era de boa paz.

Na virada do mês, chegou o Zaguinha, com os filhos. A mulher, Dorinha, estava doente, internada na Santa Casa, e o Zaguinha, uma vez por semana, ia visitá-la. Sem mulher, logo se engraçou com a Zélia, irmã de Titonho, um cabra que aparecia só de vez em quando. Depois, sumia.

Boka era franzino, sete ou oito anos num corpo de cinco. Compensava o físico com a esperteza. O moleque mais ligeiro da rua. Precisasse dele e pronto. Ia e vinha, rapidez de um raio. Nunca dizia não Buscava cigarros na Vila Remo, pinga no Parque Santo Antonio, ajudava a descarregar caminhão de mudança, levava recados pras mulheres. E cobrava. Não dava um passo sem receber. O que viesse. Doce, moedas, cigarro, refrigerante, o que fosse.

Não demorou, começou a fumar os cigarros que recebia em pagamento pelos pequenos serviços. E a beber, quando os homens o chamavam pra perto do balcão. Estava sempre alerta. Se saía briga, dava um jeito de se esgueirar e esperar lá fora. Quando tudo se acalmava, voltava. Aprendia rápido.

Num sábado à tarde, os homens estavam jogando bilhar no bar do Tizira, quando aconteceu. Zaguinha esbarrou no taco de um dos jogadores. Pedrinho era vizinho de barraco. O parceiro que jogava com ele, ninguém conhecia. O cara não gostou e avançou, taco na mão, olhar provocativo. Zaguinha, na dele, pediu uma pinga. Antes que o dono do bar abrisse o litro de cachaça, escutou o som do tapa. No rosto. O outro não deu um passo sequer. Tirou o revólver. Atirou. Duas vezes. Tizira só teve tempo de se abaixar. Uma das balas atravessou o corpo de Zaguinha e se alojou na prateleira, atrás do balcão. O atirador enfiou o revólver na cinta, pegou um embrulho em cima do balcão e saiu. Ninguém fez nada. No chão, Zaguinha já morto.

Boka viu do lado de fora. Ficou ali, parado. Os homens chegaram mais perto, constataram a morte, e cada um foi pra um lado. Tizira, contrariado, foi pra rua ver se achava um carro pra subir até o telefone, na Estrada de Itapeperica.

Quatro horas mais tarde, a polícia. Perguntas. Acionaram o rabeção. Levaram o corpo. O Boka andou uns

dias meio entocado. Triste não. Zaguinha era um sujeito assim, meio porra louca. Carinhoso não era. Falava pouco. Quando bebia, batia muito nos filhos. No Boka ele não encostava a mão. Nos três irmãos descia o porrete.

Boka cresceu. Logo estava no crime. Nunca trabalhou. De documentos, tinha só a identidade, que uma mulher da Assistência Social providenciou, quando ele tinha dezoito anos. Ele andava por ali, vieram umas pessoas perguntando quem não tinha documentos. Ele se apresentou, calado. Falou os dados que sabia, nome do pai, da mãe, idade. A mulher levou-o de carro até o DP, fizeram uma ficha. Sujaram os dedos dele com uma tinta preta. Trinta dias depois, o documento.

Começou a traficar. Ia buscar drogas pro Rubão, lá da Vila Remo. Pegava dois ônibus e ia até a favela da Brasilândia, conhecia todo mundo. Trazia a encomenda. O Rubão pagava com maconha. Ele vendia na Lourenço Dias, no Maracá, no Vaz de Lima. Às vezes, o pessoal do Imbé vinha buscar alguma com ele. O Imbé era um bairro novo, estava começando, a favela veio antes. A freguesia do Boka aumentava. Logo, tinha uns moleques trabalhando pra ele. Só queria moleque ligeiro, esperto. Os sonsos deixava de lado. Com dois anos no tráfico, já era conhecido da bandidagem. Quando o Rubão caiu, uma parte da freguesia passou para ele. Foi preso num dia, no outro Boka já estava fornecendo. Antes, mandou um recado pro distrito. Rubão mandou dizer que estava tudo certo. Ele ficava com a freguesia e pagava um pedágio pra garantir o conforto no Carandiru, pois sabia que a estada ia ser longa. Assim foi feito. Rubão só não sabia que não voltaria de lá. Numa tentativa de fuga, duas estocadas o levaram pro cemitério.

Boka agora era o dono da bocada. Da vila Remo até o Valo Velho, tirando só o Santo Eduardo, que ali era do Vieira, o resto tudo era do Boka.

Com vinte anos, o Boka já dominava todo o tráfico. Tinha seis mulheres. Mais quantas quisesse. E trabalhando pra ele, uns doze fixos. Só gente firmeza, que ali não era lugar pra amador. Vacilou, morria. Igual ao Neguinho. Tentou passar pra trás, tirou uma parte do pó que era para ser entregue lá no xadrez do DP. Disse que os homens tiraram na hora da revista. Mentira. O Boka mandou eliminar. Guguiinha, doze anos, dois no tráfico, matou. O corpo apareceu na beira do córrego. Vacilou, já era. Era o lema.

Com a morte do Rubão, aumentou muito a demanda e cada dia o Boka precisava de mais cocaína, maconha, e os primeiros clientes de pedras começavam a aparecer. Ele aumentou o quadro. Mandou buscar Feijão, Nuguete, Silvinho e o Deco. Depois, o Tiziu e, por último, o Turquinho. Eram da firma. Mão de obra eficiente e fiel. Todos dali, criados na Lourenço Dias. Veio o asfalto. O bairro melhorava. A favela cresceu. Veio muita gente de fora, trabalhadores da Enterpa, que admitia gente adoidado. Motoristas para os caminhões de lixo. Coletores. Cada caminhão levava quatro coletores. Os bares prosperavam. Vieram casas de melhor padrão do outro lado da rua. A Lourenço Dias era interessante. De um lado, favela. Os corredores desciam por uns cinqüenta, sessenta metros morro abaixo, até o córrego. Em cada corredor, cem casas ou mais. Todas de alvenaria. Cada uma no máximo com três cômodos, habitados em média por oito pessoas. Em alguns casos, até dez.

Por volta de 1975, um candidato a vereador doou material, e os moradores transformaram os barracos de madeira e papelão em casas de alvenaria. Quem chegou primeiro fez casa na rua, os demais iam fazendo escada abaixo.

Do outro lado, casas de padrão médio. Legalizadas. Os terrenos grandes foram loteados mais ou menos em 1970,

documentados, muita gente tinha escritura definitiva. Algumas eram falsificadas, mas os moradores só ficavam sabendo quando iam vender, anos depois. Surgiram bares de bom tamanho, quitandas, mercadinhos. Uma banca do bicho. A padaria do Lídia já estava ali na rua de cima, em frente o ponto final da primeira linha de ônibus. No início, ia até Santo Amaro, depois foi estendida até o centro, Praça da Bandeira. Em frente à praça do Jardim Lídia vieram o Posto de Saúde e a escola de madeira, depois Escola Estadual.

Lá embaixo, a Lourenço Dias crescia em número de moradores. A favela também. Boka prosperava. Agora, os meninos também trabalhavam. Precisavam manter o esquema funcionando. Com a pegada da polícia, não podiam depender só do tráfico. Começaram a roubar.

O Boka não tinha muito interesse. Seu negócio era o tráfico. Mas, depois de perder uma partida grande de cocaína numa blitz, mudou de idéia. Chamou os meninos e ordenou. Vamos mudar o esquema. Fazer saída de banco. Vai Turquinho, Deco e Nuguete. O Guguinha dá cobertura com a moto.

O primeiro foi na Adolfo Pinheiro. Moleza. As armas fizeram efeito. Intimidaram um bocado. Nenhuma reação. Voltaram com trezentos mil reais. Nenhum tiro. Serviço perfeito. Dois em cada moto. Não mais que cinco minutos. Com meia hora estavam contando o dinheiro na mesa do Boka. À noitinha, comemoração no Gauchão, BR-116. Churrasco à vontade.

Na semana seguinte, ação novamente. Quarta-feira é o melhor dia. Cidade tranqüila, polícia desatenta. Trânsito lento. Firma em ação. Mesmo esquema. Roupa impecável, estilo Picadily. Entram dois. Terno, gravata, maleta e cano. Se a porta travar, empunha os ferros e mostra pros seguranças, avisa: se vacilar eu derrubo. Não atirar. Se a casa cair, zarpar. Se der cana, boca fechada. A grana dá pra comprar conforto no xa-

drez e fuga. Só encontrar o homem certo lá dentro. Entendido? Beleza.

No mês seguinte, um por semana. Quarta-feira, sempre. No final da noite, se encontrar e festejar. Churrasco, casa do Silvinho. Muita cerva cachaça um pouco de pó. O Boka dava uma passada, conferia as presenças, levantava o moral e se ia.

Depois de dois meses, mudaram a tática. Um grupo continuou com a saída de banco. Outro foi pro aeroporto, atrás de lap-top. Mercado garantido. Só buscar a encomenda. Feijão ia à frente, roupa social, cabelo cortado rente. Loirinho. Parecia um executivo aguardando o vôo. Aguardava outra coisa. Comprava um jornal, ou revista. Localizava a vítima. Executivo, sozinho. Aguardando a ponte aérea. Virava a revista ao contrário, mostrava a capa. O Deco e o Nugete chegavam e ficavam por perto. No momento certo abordavam. Levavam para um canto, no saguão, e mostravam a arma engatilhada. A 765 reluzia, dava pra ver no escuro, até. Não precisava sacar, só mostrar, paletó aberto. Pegar a maleta com o notebook e sair.

Feijão saía por último. Cada um pra um lado. Dois na moto. Na esquina da Washington Luís, o garupa passava para a outra moto. Se encontravam na firma. Rotina. Contar o dinheiro, mostrar o notebook pro Boka, sair, comemorar. Aqui-lo Estava ficando chato. Fácil demais.

IVETE

Ela apareceu mais ou menos à época do primeiro assalto a banco. O irmão morava na favela, ela veio do Rio de Janeiro. Chegou numa quarta-feira à tarde. Ia ficar na casa do Claudinho, no fim da Lourenço Dias, quase na esquina com a Manuel Ferreira. Claudinho morava lá há um tempão, conhecia todo mundo. Tinha trabalhado de segurança de banco uns três anos. Foi demitido depois de uma série de assaltos seguidos, sempre nas agências onde estava de serviço.

No dia que a Ivete chegou teve serviço de manhã. Fizeram uma agência nas Perdizes. Fita dada. Ia ser moleza. Um posto bancário dentro da PUC. Moleza mesmo. Foram só dois. Claudinho e Forró. O Boka não sabia. Fizeram o assalto. Na saída, Forró se apavorou com o vigia da rua que vinha em sua direção. Atirou no paraíba, que caiu na hora. Quando estavam subindo na moto, vieram os gambés. Dezessete tiros. Claudinho tomou oito. Forró, só dois. Baixaram sepultura. O Boka não gostou nada daquilo.

Ivete precisava ir ao IML pra reconhecer o corpo. Não conhecia ninguém ali. O Boka mandou o Guguinha levá-la com o Golf vermelho. Deu dois mil para as despesas. Na volta, apertou Guguinha.

– E aí? A mina entra pra firma?

– Entra sim – disse o Guguinha.

– Certo. Firmeza. Manda ela falar comigo amanhã. Vou comer essa mina.

Uma semana depois, Ivete já estava no esquema. Bonita de corpo. Cabelos pretos lisos. Poderia ter sido modelo se tivesse uma grana para se cuidar. O Boka deu dinheiro pra ela.

- Quero você bonita pra mim.
- Mas, e as outras?
- Não liga pras outras. Quero você.

Se amaram ali, no quarto da frente. Encostados na mesinha que ele usava pra pesar a droga. Dinheiro em cima da mesa. Gozaram.

Ivete era fiel ao Boka. Não dava confiança para ninguém, conversava pouco com as colegas. Respeitava seu homem. Tinha medo também. Sabia demais. Boka dormia com a 765 de baixo do travesseiro. Dormia, não. Ficava. Ela nunca o vira dormindo. Depois que se amavam, ele dava uma apagada de leve. Logo estava esperto de novo. Uma mão passeando pelo corpo nu da mulher, a outra no cabo da arma. Rotina.

As coisas andavam esquisitas. O cara do DP estava apertando. Queria mais dinheiro. Dava umas fitas boas. Era ir lá e buscar a grana. No aeroporto as coisas iam bem também. Segunda-feira, laptop em Congonhas. Quarta-feira, saída de banco. Precisava mudar a rotina. Esses dias estavam manjados demais. E agora os “alemão” estavam na parada. Quando entra polícia, a coisa muda. Depois daquela cagada do Forró e do Claudinho, a coisa esquentou. Os homens vieram pra cima com tudo. Enquadro quase todos os dias. Para acalmar, teve que dar a Parati verdinha que acabara de comprar. Porra, trinta e cinco mil assim, indo embora? Vou ter que buscar outra.

– Não dava pra negociar? – perguntou o Guguinha.

– Que nada. Ou entregava a verdinha, ou a casa caía. Sabe a Soninha? Vou comer ela hoje. Leva a Ivete com você, dá um rolê no shopping. Fala que eu mandei ela comprar roupa nova. Sexta-feira vamos pra praia. Manda ela comprar um biquíni.

Ivete chegou do shopping e Boka não estava. Estranhou. Ele nunca saía. Deu uma volta na rua. Parou na casa da Fê.

– Você viu a Soninha?

CAPÃO - OUTRAS HISTÓRIAS

– Não, não vi ela hoje.

Conversaram um pouco e Fernanda disse que tinha que sair. Ia ver um emprego. Ivete voltou. Passou no bar da Loira, pediu uma coca light. Sentou no banquinho e fumou um cigarro. Estava alerta.

Meia-noite o Boka voltou. Deitou a cabeça no encosto do sofá. Pegou o controle e zapeou a tv. Ivete se enroscou no braço. Nua. Ele levantou e foi beber água. Ela acordada, vigiando. Falou baixinho:

– Não vai me querer hoje, Boka?

Silêncio. Esperou. Ele encostou o corpo, empurrando-a para o canto na cama. Não disse nada. Possuiu-a em silêncio. Ela chorou baixinho. Sentiu o cheiro da outra. Não falou nada. Dormiu.

PROVA 01
CBJE

SONINHA

Ela foi chegando devagarzinho. Morava na Vila Cruzeiro, num quartinho alugado nos fundos de uma pequena metalúrgica. Veio de Recife há muito tempo, nem lembrava quando. Conheceu o pessoal do Lídia quando foi numa festa na Av. Atlântica. Ficou com uns carinhas de lá, na volta pegou carona com eles. Convidaram para aparecer lá na Lourenço Dias. Um dia ela foi. Gostou e foi ficando por lá. Voltava sempre. Fez amizade com as meninas, também com a Ivete. Mas vacilou.

Paga um pau pro Boka. Deu bandeira várias vezes. Até que um dia ele chegou. Direto.

– Quero ficar com você hoje – falou.

Ela tremeu. Mas topou.

– Que horas? – perguntou já saboreando a perspectiva. Sair com o Boka dava moral junto às meninas.

– As dez.

– Ok.

Foi para casa mais cedo. Ia se arrumar.

Dez da noite, o Boka chegou. Abriu a porta, ela entrou. Foram lá para os lados da BR-116. Ela não conhecia bem o lugar, mas achou que estava perto do Taboão, ou Embu. Num motel com luzes bonitas, no alto de um morro do lado direito, ele entrou. Foram para a suíte. Ela viu que ele era conhecido lá. Entraram. Suíte bonita. Hidro, teto solar, ar condicionado. Vai ser bom, pensou. Não teve muito tempo para admirar o local. Boka já vinha do banheiro. Pelado. Pronto. Derrubou-a na cama. Ela cedeu. Deu. Gostou muito. Só estranhou a arma sempre colocada ao alcance da mão. Boka

adormeceu. Ela foi ao banheiro. Ele pediu bebida. Quando voltou, ele de lado, ela pensou que dormia. Ele amou-a de novo. Com mais força ainda. E outra vez mais. Ela, cansada, adormeceu. Ele bebeu uma cerveja no gargalo. Deu uma mijada. Voltou pra cama. Esperou o dia morrer. Perto da meia-noite, chamou a moça.

– Vamos embora – disse.

Ela estranhou.

– Não vamos passar a noite?

– Não. Preciso ver uns negócios.

Foram.

Ele a deixou num ponto de ônibus e se foi. Ela ali, parada, esperando o ônibus. Fazia um friozinho até gostoso. Lembrou com prazer das últimas horas. Foi bom, pensou.

No outro dia, lá pelas três da tarde foi chegando no pedaço. Rosto de satisfeita. Um sorriso só. No bar da Loira, pediu um maço de Marlboro light. Ivete estava lá. Rosto zangado. Deu dois passos em direção a ela.

– Sua puta, descarada. Vai ficar assim não. Não mesmo. Meu homem ninguém vai levar fácil não, falou?

– Mas é que... – tentou dizer. Ivete interrompeu:

– Sua vaca do caralho, tá pensando que é assim? Chegou outro dia, e já fazendo merda?

Dois tapas, um empurrão. Soninha se assustou. Esperou por mais. Não veio mais nada. Só o olhar de Ivete e o rosto ardendo. Encarou firme e não respondeu nada. O ambiente pesado foi quebrado pelo vozeirão do Canhoto. Vamos tomar cerveja, tô pagando. Dona Miriam foi colocando as duas gelatinhas que o Canhoto gostava. Sempre de duas. Geladas. Um copo para cada uma. Soninha pegou o seu. Ivete ignorou.

– Vivi, toma o seu – disse Canhoto – O Boka não vai gostar. Melhor morrer por aqui.

Ivete pegou o copo e bebeu. Encheu de novo. Canhoto pediu mais uma.

Lá na esquina, Guguinha empinava a moto. Estava contente, comprara a Titan verdinha. Ia e voltava na rua, testando. Os carinhas foram chegando. Parados em frente ao bar da Loira, Canhoto mandou descer cervejas para todos. Tudo estava calmo. Ia tudo bem.

Oito e meia da noite o Boka mandou buscar Guguinha.

– Tenho um trampo. Vamos estrear a cabrita. Leva este bagulho no DP e entrega na mão do Dirceu. Só pra ele, entendeu? Diz que o resto entrego amanhã.

Atendeu o celular. Era o Dirceu.

– Já estou mandando. Pô, mancada meu. Vocês levam metade de tudo que levantamos aqui fora e ainda dão cana? Quem é dessa vez? Porra, o Bill de novo. Quanto desta vez? Caralho, dez paus! Não tenho tudo isso. Ta bom, vou ver.

Desligou.

– Guguinha, depois que entregar pro Dirceu, pede pra descer. Fala pro Bill agüentar. Vamos levantar a grana amanhã. Sexta-feira ele sai. Deixa isso pra ele – entregou dois enroladinhos – só pra ele se garantir. Vai.

Guguinha saiu. Dia seguinte, às dez da manhã, Boka chamou os meninos.

– Vamos pro trampo, negada. Preciso de dois laptop hoje, senão o Bill vai descer pro CDP, aí fica mais caro. Vai o Deco e o Turquinho. Guguinha fica por aqui. Tenho uma parada pra você.

Os dois saíram, passaram na casa do Leandro. Foram os três.

Guguinha ficou esperando. Meio-dia, o Boka apareceu. Ficaram no escadão da casa do Norte, papeando. Uma viatura da Civil passou devagar. Desbaratina. Pararam lá na frente, contornaram em frente à creche municipal. Voltaram. Desceu

o Russo. Dirceu estava lá dentro, lendo um papel qualquer. Chegou pro Boka.

– Aê vagabundo! Encosta aí. Vocês aí também, mão na parede.

Boka ali, impassível.

– Essa meiotá vou levar. – falou apontando pra cintura do Boka

– Tenho outra em casa, uma nove. Deixa essa comigo.

– Tá bom – respondeu o Russo. – Manda buscar no teu mocó. Eu espero.

– Não tá lá, não. O Guguinha pode buscar.

– Então vai, disse o Russo impaciente.

Guguinha pegou a moto.

– De moto não – disse o Russo. – Vai a pé. Essa moto eu vou levar.

Guguinha parado, os olhos fixos no Boka. Ele acenou com a cabeça. Guguinha foi. O Boka negociou com o Russo.

– Então, deixa a moto do moleque, ele comprou ontem.

– Tá parecendo Madre Tereza, Boka? – falou com desprezo o Russo. – Quero dez paus. Senão, levo a moto. Tem documento?

– Tá limpa. Pô, dez paus? Tenho que dar dez pro Dirceu, da cana do Bill. Não tenho essa grana.

– Se vira, você tem até sábado. Segunda estou de plantão. Leva a grana lá.

Subiu na moto. Acelerou com força.

– Gostei.

Guguinha já vinha descendo a rua.

– Ele vai levar a moto – disse o Boka. – Entrega o bagulho pra ele.

Filho da puta, pensou Guguinha, entregando o documento. A viatura saiu. Dirceu deu uma olhada pro Boka. Confirmou o dinheiro. Boka e Guguinha entraram no carro

CAPÃO - OUTRAS HISTÓRIAS

do Boka. Não falaram nada. Filho da puta. Filho da puta, pensava o Guguinha. Na Paulino Vital de Moraes, lá embaixo, Boka entrou na agência de carros. Falou com o dono.

– Anderson, arruma uma moto pra mim. Hoje ainda.

– Tenho uma noventa e nove aí.

Olharam.

– Fico com essa.

Guguinha subiu na moto, experimentou. Voltou.

– Tá boa, Boka.

Pagou. Saíram. Guguinha foi na frente, estava feliz de novo. Boka estava puto da vida. Vinte paus. Preciso levantar essa grana, pensou. Pararam no bar da Loira. Tomaram mais cerveja. Ivete foi chegando. Boka estava de cara fechada. Mal olhou para ela. Ficaram ali parados.

– Preciso falar com você – ele falou pegando no braço dela. Saíram.

Em casa, olho fixo no Boka, Ivete espera.

– Então, não gostei. Vai fazer barraco agora? Tenho dona não, falou? Você chegou, gostei, ficou. Se quiser é assim, senão dá linha. Não quero contrapeso, não preciso. Tenho a mulher que quiser, a hora que quiser, falei?

Ela, contrariada fez que sim com a cabeça. Olhos no chão. Não gostou nada do que escutou. Não gostava de briga. Nunca brigara com o Boka. Não estava ali para marcar touca. Com o que sabia, podia morrer. Sabia disso.

Guguinha voltou do distrito.

– Pronto, Boka, está na mão do cara. Ele falou que amanhã o Bill está em casa, é só o delegado assinar a ordem. O Bill tá ligeiro. Ele não assinou nada. Queriam que abraçasse um quinze, e mais um homicídio. Ele segurou firme, não assinou nada. E falou que ninguém nem chegou perto dele. Sem esculacho, nada.

Boka assentiu com a cabeça.

– Vamos embora, disse. Vamos arrepiar.

Naquela semana, trabalharam todos os dias. Aeroporto, banco, até enquadro na madrugada teve. Apanharam cinco motos, oito notebooks, câmara digital, uns dez celulares. Mala cheia. No sábado, estavam com tudo pronto. Boka chamou.

– Vamos agilizar. Paga os pedágios, sobra uns cinqüenta pra nós. Ta bom assim. Pegou o celular, zerou a agenda. Entregou pro Guguinha. Fica com este. Tem câmara.

Guguinha vibrou.

– Porra, era esse que eu queria. Firmeza, Boka.

E saiu. Subiu na moto e foi até o fim da rua. Parou na calçada. Trocou o chip.

– Beleza, agora estou à pampa. Vou ao shopping.

Passou na casa da Fê. Chamou. Saiu dona Vera.

– A Fê ainda tá aí, dona Vera?

– Está sim, Guguinha. Vou chamar.

Ele acendeu um cigarro. Esperou. Cinco minutos, ela veio. Era linda a Fernanda, pensou Guguinha. Ela subiu na garupa. Zoaram pelo shopping, ele comprou uma blusinha que ela gostou. Cinqüenta paus. Pagou em dinheiro, tirado de um bolo amassado no bolso da jaqueta. O vendedor da loja arregalou os olhos. Não falou nada. Iam saindo. Guguinha parou na vitrine. Chamou o vendedor.

– Quanto custa os óculos?

– Esse aí de cima, mil e quinhentos. Original.

– Pega um aí, quero ver como fica.

O vendedor foi lá dentro e voltou com um do modelo que ele apontou. Guguinha, voltando até o espelho.

– Fê, olha aí, ficou legal?

– Da hora!

CAPÃO - OUTRAS HISTÓRIAS

Ele tira o selo de segurança.

– Faz a nota aí, vou levar.

– Dá para fazer em três vezes no cartão – começou o vendedor.

– Vou pagar no dinheiro – disse, já com o bolo de notas na mão. Foi no caixa. Pagou e saiu com os óculos no rosto.

– Pagando de playboy – brincou ela.

– Só. Vamos comer, me deu fome.

Pararam no Habib's e comeram muito.

– Vamos dá um rolê?

Madrugada, Fernanda no celular, Guguiha dorme. As roupas no chão. Fernanda em pé, na porta de vidro do quarto do motel, fumando. Voltou pra cama, passou o pé no pé dele, ele se virou. Encostou-se ao corpo dela. Fizeram amor de novo. Melhor ainda. Dormiram, os dois.

PROVA 01
CBJE

NA ATIVIDADE

A aparente calma na Lourenço Dias dá impressão de que tudo vai bem. Não vai. Os meninos da firma estão na atividade. E quando eles estão na atividade, a coisa pode mudar de um minuto para o outro.

O Boka chegou com a ordem.

– Vamos fazer um banco. Na João Dias. Tem que ser hoje. Vai Turquinho e o Landau. Pepe, Marcão, Robinho e Léo vão dar cobertura. Leva a escopeta, aquela que o Dirceu mandou pra gente. Cambada, na moral, sem tiro. O Paraíba deu a fita. O carro forte vai parar às dez e quinze. Ao invés de dois, vai descer um só, e ficar do lado direito. É a senha. Lá na porta giratória o Gambá tá de serviço, vai destravar a porta, falou?

Saíram mais cedo. Antes, Marcão e Turquinho deram uma passada pela calçada, estava tudo normal. Quando olharam para dentro, viram o Gambá lá. Ia ser moleza. Deram a volta na quadra e se aprontaram. Marcão foi pra praça em frente. Landau e Turquinho se prepararam e entraram.

Foram até a mesa da subgerente. Simularam interesse em abrir uma conta pessoa jurídica. Ela se virou para pegar os documentos no gaveteiro, atrás de sua cadeira. Quando se voltou, percebeu a arma na mão do Turquinho. Pálida, ainda falou:

– Não me faça mal.

Ele não disse nada. Apontou a direção do caixa, enquanto Landau dava a volta na mesa e bloqueava o alarme. Na sala de vidro, só dois clientes no caixa eletrônico. Receberam a ordem de sair, pois o carro forte iria reabastecer de dinheiro.

Quando o primeiro homem do blindado entrou, com dois malotes, não percebeu que o Gambá não estava ao lado

da porta. Estava mais atrás, protegido no biombo. Foi dando a volta para acionar o mecanismo do caixa eletrônico, e já sentiu o cano empurrado com força na sua nuca. Olhou para fora em busca do companheiro, não tinha ninguém. Recebeu a ordem de deixar os malotes no chão e se encostar na parede, de frente.

– Cola a cara na parede – ordenou o negro.

Ele obedeceu.

Em segundos, os dois já estavam ali. Desarmaram o segurança encostado na parede e prenderam suas mãos com a fita plástica, aquela serrilhada, que os eletricitistas usam. Barbada, não solta de jeito nenhum.

Apanharam os malotes e saíram. Lá fora, o motorista do carro forte, distraído, alinha os instrumentos, prepara a planilha para a próxima entrega. Nem vê quando os dois saem da agência com os malotes. Do lado de fora do carro blindado, o segurança que faz a retaguarda estranha e, quando leva a mão à cintura, já recebe uma cutucada. Nem precisam falar nada, já sabe como funciona. Desarmado, cara virada para a lateral do carro.

Os dois saem arrastando os malotes. O Vectra pára, eles jogam os malotes pra dentro e andam na direção oposta. O Vectra arranca, sobe a ilha e passa para a outra pista. Vira à direita e ganham o acesso à Marginal Pinheiros. Somem no trânsito. Serviço limpo. Tranquilo.

Turquinho e Landau sobem na moto e arrancam. Não percebem a viatura da Civil logo atrás. Entram à esquerda na Barão do Rio Branco. Iam contornar para pegar a Padre Anchieta, saíam na João Dias na pista de lá, sentido bairro, dali Marginal. Não tiveram tempo. Uma rajada, moto escorregando no asfalto do corredor de ônibus. Turquinho, oito tiros, já caiu morto. Landau, ainda vivo, percebeu quando o

Dirceu se aproximou. Pensou, aliviado, ainda bem que é ele, corre com a gente. Não se deu conta, gemendo de dor, quando o cara apontou a automática e descarregou. O céu girando loucamente e o gosto do sangue subindo pela garganta. Viu o rosto da mãe, do Juninho, o irmão que morreu ano passado. Uma confusão de pessoas, gritos, barulhos estranhos. Silêncio.

O resgate chegou em poucos minutos. A viatura se deslocou um pouco, para dar passagem. Dois óbitos, disse o policial da Civil. Os homens do resgate apanham a maca. O Civil fala que tem que acionar o pessoal da Técnica. Apenas removem do asfalto para não atrapalhar o trânsito, que já se avoluma.

De costas para o pequeno amontoado de gente, o policial fala ao celular. É o Boka avisando que está com a grana, pode passar à tarde para apanhar o trato. Ele desliga. Aciona a sirene, entra na viatura. Manda o motorista tocar. Vamos para a Lourenço Dias.

Em minutos, o trânsito volta ao normal. Buzinas, uma sirene de ambulância. Um cortejo fúnebre se arrasta em direção ao cemitério Campo Grande. Um dia normal na zona sul. Vida que segue. A firma tem que continuar na atividade.

PROVA 01
CBJE

PADRE MARIANO

A notícia se espalhou rápido. O Capão Redondo ecoou por todos os becos. O Padre Mariano morreu. Cinco tiros. No carro.

No bar do Zaqueu, no Maracá, olhares mudos, trocas de sinais. Coisa normal, notícia de morte. Menos de padre, que sempre comove e mexe com o imaginário. Padre e criança. Quando morre criança de morte matada, sempre há comoção, pessoas se exaltam, dá rebuliço até na televisão. Normal. No Capão Redondo é só estatística.

Morte de padre não é todo dia.

O padre Mariano veio do Rio de Janeiro. Morava ali fazia uns três anos. No começo, estranhou o modo de vida. Vinha de trabalhos burocráticos na Cúria, assessor do bispo. Com dois meses de Capão, já tinha feito amizades. Jeitão tranqüilo, falar calmo e pausado. Sempre pronto para ajudar. Falava pouco, perguntava quase nada. Quem o procurasse para assuntos sobre drogas, sempre tinha uma indicação. Era amigo do padre alemão lá de Guaratinguetá, aquele da Fazenda Esperança, amigo do Papa. Se a família tinha posses, dava um jeito de mandar o rapaz pra lá. Um salário mínimo por mês garantia o tratamento. Por isso, quando começou a circular a notícia, ficou todo mundo perplexo.

Tinha acordado no mesmo horário. Fez as orações da manhã e foi dar uma olhada no carro que o João Crispim fora buscar na agência. O dinheiro da diocese veio em boa hora, pensou. Estranho como as coisas acontecem. O bispo não aparecia há muito tempo, mas soube que o carro paroquial estava dando oficina direto. Nesse último mês, três idas no

mecânico. Na última, o diagnóstico: fazer o motor. Mil e quinhentos reais. Teria que ficar sem carro. Semana passada, recebeu um telefonema da diocese. O secretário do bispo. Mandava alguém passar na agência do Morumbi. Tinha um carro lá, para a paróquia. Naquele dia, ele rezou um pouco mais. Deus estava cuidando dele mais uma vez.

Funcionou o carro e ficou apreciando o barulho do motor. Gostoso de escutar, macio, peças novas. Deus seja louvado!

João Crispim veio falar com ele. Só poderia sair às nove e meia. Tinha dentista do filho às oito.

– Tudo bem. – disse o padre – Vamos às nove e meia.

Entrou na casa paroquial e tomou um café. Não estava se sentindo cem por cento, mas não sabia o que era. Uma sensação de angústia, um leve tremor. Coração apertado. A imagem de sua mãe falecida no ano passado veio à mente e se lembrou súbito do sonho. Ela parada à porta da casa paroquial, ele celebrando a santa missa. Estranho, rezava a missa ali na cozinha, sem ninguém participando. Ele falava os trechos, ele mesmo respondia. Quando chegou a hora da consagração da hóstia sagrada, levantou-a e viu a imagem da mãe, dona Cicinha, na porta da cozinha. Em pé, sorriso no rosto, uma rosa na mão. Voltou a concentração ao ato litúrgico e, quando olhou, sua mãe já tinha se ido.

Quando acordou, não se lembrava do sonho. Só agora, aperto no peito, um mal estar estranho, lembra.

Alinhou-se e foi à igreja que ficava ali do lado, no mesmo quintal. Lá dentro, duas senhoras rezavam e lhe pediram a benção. Abençoou-as mecanicamente e foi ao canto preferido da igreja. Rezou mais um pouco, a fim de dissipar a angústia, sentimento raro para ele, mas real, estava ali.

Às nove e meia, João Crispim chegou.

— Podemos ir, seo Padre.

CAPÃO - OUTRAS HISTÓRIAS

– Então vamos João, quero voltar cedo. O trânsito pode estar ruim.

Entraram no carro. Enquanto se ajustava no banco, não percebeu a presença dos dois. Um de cada lado. Um deles com a touca ninja, só os olhos visíveis. O do lado do motorista bateu com a arma no vidro.

– As chaves, as chaves – ele dizia.

João Crispim não esboçou nenhum gesto.

Do lado direito, padre Mariano abre a porta para descer. Não estava entendendo que era um assalto. O ladrão, de touca ninja atirou. Duas vezes. O corpo do padre pendeu para fora do carro, mas não caiu. Os olhos ainda abertos fitavam o céu da manhã.

João Crispim, atônito, ainda falou:

– Você atirou no padre, no padre!

O da esquerda, assustado, gritou com o mascarado. Não adiantou. Ele deu a volta e sapecou mais dois tiros. João Crispim, debruçado sobre o volante, morto. Eles tentaram tirar os dois do carro, viram que não ia dar. Desistiram. Correram pela Elias Maas. O Japa falou pro colega:

– Você matou o padre. Caralho, isso dá um azar da porra! Matar padre dá sete anos de azar. Igual quebrar espelho. Porra, não era isso. Era só o carro.

Perderam-se no beco da favela. Cada um para um lado. Ele pegou o revólver da mão do comparsa.

– Dá aqui. Vou dispensar essa merda. Vê se você se manda. Isso não vai prestar.

No pátio da igreja Nossa Senhora do Carmo, uma pequena multidão aglomerada. Duas mulheres chorando. Sirene de polícia. Furdunço. O Capão Redondo fervia.

No bar do Zaqueu, ali no Maracá, era só buxixo. Dizem que o padre tinha umas tretas com uns caras. Dedurou uns moleques aí, falou o Baixinho.

Nada disso, deixa de bobagens falou o Ruivo. O padre era gente boa, não entregava ninguém. Lá no fundo, dona Ziza cozinheira entrou pra comprar cigarro. Ficou sabendo da notícia. Pernas bambas, derrubou a bolsa que trazia nas mãos. Precisava avisar a irmã. Mataram o João Crispim junto com o padre.

O motorista da paróquia era irmão de dona Ziza. Tinha muito medo da violência. Deixou um trabalho de porteiro no Morumbi pra trabalhar na paróquia, se sentia mais seguro ali.

Naquele dia, no velório do padre Mariano tinha mais duas pessoas. Ninguém notou quando o Japa chegou bem perto do caixão e pôs a mão em cima da mão do padre. Tinha muito medo de velório. Mas tinha mais medo ainda do azar que dava matar um padre. Saiu. Lá fora entregou uma grana pro Levino.

– Vai, se manda que essa porra vai feder.

Encontraram-se cinco dias mais tarde no distrito. Depois das porradas iniciais, jogados no canto do xadrez imundo, olham um para o outro.

– Não te falei? Puta azar.

ACERTANDO AS CONTAS

Depois daquele dia do assalto na João Dias, alguma coisa mudou no andamento do negócio.

Do nada apareceu o Corregedor lá no distrito. Dirceu foi afastado para investigação. Corria um inquérito interno e ele aparecia em mais de uma ocorrência. Rotina, falou o delegado. Dirceu ficou em casa cinco dias.

Aproveitou para dar uma passada na Lourenço Dias. Chegou de moto, procurou pelo Boka. Os olheiros deram um jeito de avisar. Cinco minutos e o Boka estava lá. Guguinha na cadeira de rodas, junto.

No bar da Loira, cerveja nos copos. Conversa dura. Olho no olho, Boka falou:

– Aí, Dirceu, o bagulho tá errado, meu. Você mandou matar os meninos, cara!

– Não mandei porra nenhuma, Boka. Sou louco de fazer uma presepada dessas?

– Não é o que estou sabendo. Me falaram que você deu ordem pra levar o Landau e liquidar ele. Sacanagem, cara. Trato é trato. A gente não faz um corre junto?

– Sai dessa, maluco. Você tá envenenado. Eu não faria isso. Estamos juntos na parada. Falar nisso, me puseram na geladeira. Vamos ter que dar um tempo. Baixou o corregedor no distrito. Tô suspenso. Por esses dias, nada de função, falou?

O Boka assentiu, mas a cabeça estava longe. Analisava. A informação era quente. Tinha chegado que o Dirceu mandara levar o Landau ainda vivo pro Embu, e lá mataram ele. Alguém estava mentindo. Precisava saber quem. Terreno minado, todo cuidado é pouco.

Dirceu arrematou a cerveja, apanhou o pacote de dinheiro e saiu. Na porta do boteco, ainda falou:

– Boka, eu te dou um toque. Dá um tempo e tira essas merdas da cabeça, irmão. Estamos juntos.

O Boka não disse nada. Guguinha, do lado, olhou e arrematou:

– Esse filho da puta tá mentindo, Boka.

– Tô ligado, Guga. Mandou matar, sim. E tá fudido, porque já sacou que a gente sabe.

Guguinha deu um giro com a cadeira, um cento e oitenta, como ele gostava de dizer. Girou em torno do próprio eixo. Se postou na frente do chefe:

– Ele matou os manos, Boka. Filho da puta, ele matou os manos.

O Boka não falou nada. Ajeitou a arma na cintura, puxou o jaco, cobrindo o volume.

– Bora, Guga. Vamos ver esse negócio.

Virou as costas. Guguinha seguiu no seu veículo. Brincava pela rua com a cadeira de rodas. Parou na esquina, trocou um papo com o Marcão, que estava chegando. Se mandou. O Boka estava esperando.

No distrito, o delegado conversa com o escrivão. Falam do Dirceu:

– A coisa está pegando pro lado do Dirceu. Eu falei para ele se cuidar. Mas o cara é puta velha, não ouve ninguém. Agora vai ter que se virar com a corregedoria.

O escrivão só escuta, enquanto arruma a papelada. Levanta e vai tomar o café requentado que esfria na garrafa térmica.

Dirceu aparece, de surpresa. Vai até a mesa do delegado:

– E aí chefe, beleza?

– Tudo bem, Dirceu. Cinco dias, então?

CAPÃO - OUTRAS HISTÓRIAS

– É, doutor. Fazer o quê? Agora os homens vão mexer comigo. Tem jeito de aliviar aí?

– Que nada, cara. Você vai ter que se explicar. Já tem advogado?

– Então, é isso que eu vim ver. O seu irmão não pode pegar o meu caso?

– Não sei como ele está. Vou falar com ele.

– Se o senhor puder ajudar, não confio em gente de fora.

– Deixa comigo, falo com ele hoje e te retorno. Só não posso prometer ajudar, vou ficar de fora, senão sobra pra mim. Sabe como é, né? A gente tem trabalhado muito tempo junto.

– Tudo bem, doutor, se o senhor conseguir que ele me defenda, já tá de bom tamanho.

Ia saindo, voltou:

– Ah, já ia esquecendo. Tá aqui. Peguei lá com o Boka.

Depositou na mesa o pacote com a grana. O delegado contou vagarosamente, nota por nota. Colocou no bolso.

– Dirceu, está na hora de se livrar desse Boka, não acha?

Dirceu não fala nada. Fica pensando. Chega mais perto da escrivania:

– O doutor acha?

– É, Dirceu. Passou da hora.

Levantou-se e, mão nas costas do companheiro, caminha para a porta:

– Pensa nisso, Dirceu. Pode ser uma saída.

Dirceu vai saindo, sobe na moto. Enquanto aciona a partida, responde:

– Tá certo doutor. Vou ver isso.

Arrancou com a moto, no largo do Capão Redondo mudou o itinerário. Subiu até a Lourenço Dias.

O Boka colocou o Guguinha no carro e saíram. O cd dos Racionais tocava, alucinado, o rap do momento. Vida Loka. Se perderam no trânsito da estrada de Itapeçerica.

Cinco da tarde, Jardim São Judas Tadeu, Embu das Artes. O frio de final de tarde corta o rosto. Na lanchonete, o grupo troca uma idéia. Lucas e Landinho estavam discutindo uma parada. O Boka estaciona o Golf. Desce, fala pro Landinho:

– Aí, mano, firmeza? Dá uma força pra botar esse candango na cadeira de rodas aqui fora.

– É pra já, Boka. E aí, Guguinha, firmeza, mano?

– Beleza, Landinho. Na paz.

Na mesa, Boka e Lucas conversam:

– Então Lucas, o maluco falou que não é nada daquilo. Que não era besta de fazer uma cagada daquelas. Que você acha?

– Boka, o motorista do resgate me falou. Será que ele mentiu?

– Então, pode ter falado só uma parte da coisa, né?

– O que você tá pensando?

– Nada não. O Guguinha acha outra coisa. Deixa ele te falar.

O Guguinha, já instalado na cadeira de rodas, pega uma cerveja na geladeira. Pede um copo e se junta ao grupo.

– Então, Guguinha. O Boka tá falando um negócio aí, o que é?

– Acho que o meganha matou o Landau. E o Turquinho também.

– Será? Puta sacanagem, meu. Mas ele não é nosso?

O Boka intervém:

– Quem pode tirar essa dúvida é o motorista. Tem como falar com ele?

Lucas liga no celular.

– Então tá, mano. Às dez, então. Tamo esperando. Falou.

Vira para o Boka:

– Vai tá aqui às dez. Aí, a gente tira a limpo essa história. Toma uma breja aí.

CAPÃO - OUTRAS HISTÓRIAS

Estende a garrafa cheia. O Boka enche os copos. Aumenta o som do carro. O rap alucinado enche as ruas em volta.

Dirceu chega à Lourenço Dias. Procura o Boka. Ninguém sabe dele. Dá uma chegada no Bar da Loira, ouve umas conversas. Ninguém sabe do Boka. Pede uma cerveja. O Canhoto serve de má vontade. Ali, ninguém gosta de polícia, e todo o mundo sabe qual é a dele.

Engole a cerveja, deixa metade na garrafa e sai sem pagar. O Canhoto olha com fúria. Quando ele já se foi na moto, vai até a porta e dá uma cuspada:

– Escroto! – xinga em voz alta.

Às dez e meia, eles estão na lanchonete. O motorista, Reinaldo, chega. Eles se aproximam, chamam para a mesa. Boka vai direto nele:

– Então, cara. Me fala lá do assalto na João Dias. O que você sabe?

Ele, meio receoso, dá uma umas voltas, um floreio, se arrepende e solta:

– Seguinte: o maluco lá da Civil. Ele matou os meninos. O branquinho, ele derrubou da moto com um tiro nas costas, o outro gambé que estava com ele deu mais dois. O carinha já caiu morto. Agora o neguinho, o Landau, ele sapecou no chão. O menino tava se torcendo de dor, ele chegou bem perto e despejou os tiros. Só depois ele deixou a gente chegar perto. E acionou o resgate, antes de fazer o serviço. Quando eu estava chegando com a ambulância, vi os carinhas atravessando com a moto, iam pegar a Marginal. Ele veio com a viatura e já descarregou em cima deles.

O Boka não disse nada. Olhou para o Guguinha. Concordaram. Aí, falou, olhando pro motorista:

– Por que a história do Embu?

– Ordem dele – falou o motorista, arregado.

– Porral. Mentindo pros manos, meu. Qual é? – falou o Landinho, lá da mesa.

– Só para ganhar tempo. Não posso sair falando tudo o que vejo. Moro aqui, mas trabalho lá com eles. Meu salário é o Estado quem paga. Fico no meio.

O Boka fala pro Landinho:

– Deixa o cara, pega nada. Fez a parte dele. Agora sei o que fazer. Bora, Guga. Vamos na seqüência.

Se levantam. Os caras ajudam a pôr o Guguinha de volta no Golf. Saem zunindo. O rap come frouxo. No caminho conversam, já tem um esquema. Vão pegar o Dirceu.

GATO E RATO

Dirceu liga no celular do Boka. Ele atende. Marcam para o dia seguinte. No estacionamento do Shopping Eldorado. Às dez da manhã. Firmeza.

Guguinha está agitado. Pede pro Boka:

– Deixa eu ir, Boka. Eu faço o cara. Filho da puta, matou os manos.

O Boka não diz nada. Está pensando. Matar só é pouco. Precisa mais.

– Vou ver isso. Fica frio. Vou ver.

Naquela manhã, Dirceu está acelerado. Logo cedo, já falou com uns dois ou três. Combinou um encontro. Vão na Blazer preta do Candido. Despistam bem. A moto e o carro já estão manjados. O pessoal no distrito falou até de grampos, câmeras, essas coisas todas. Mas ele não vai abortar a idéia. O doutor falou que é a hora de se livrar do Boka. Vamos fazer. Ainda mais, depois que o doutor ligou dizendo que o irmão dele vai cuidar do caso lá na corregedoria. Tranqüilo, estou coberto, pensou.

Saiu mais cedo. Chegou antes no shopping. Ficou na moita.

O Boka chamou o Marcão, Tiziu e Guguinha.

– Leva a escopeta, Tiziu. Nunca se sabe.

Puseram o Guguinha no banco de trás. Saíram. No shopping Campo Limpo, estacionaram. O celular tocou, era o Dirceu. Guguinha atendeu. Disse que o Boka já tinha ido. Mentira.

– Então beleza, tô esperando ele aqui. Ele veio sozinho?

– É, foi sozinho – mente de novo o Guguinha. Desliga. Fala pro Boka:

– Boka, esse filho da puta tá armando. Ele quer te pegar. Por que está perguntando se você foi sozinho? Ele tá ligado que a gente está sempre em cima.

O Boka pensa um pouco e diz:

– Pode ser, Guga. Vamos dar a volta nele. Vamos deixar ele esperando. Desliga o celular. Vou fazer ele vir atrás.

Naquele dia, foi assim. O Dirceu esperou até meio dia. Nada. Boka não apareceu. Ele ficou furioso. Os caras que estavam com ele tinham que ir embora. Entravam de serviço à tarde. Dispensou os caras. Ligou lá pra Caucaia e dispensou o cara no sítio. Mudou tudo, fica para outro dia, disse, contrariado. Merda.

Boka e Guguinha saíram do shopping. Foram zoar. O Boka ainda foi ver uma moto nova lá na Av. Atlântica. Gostou de uma. Mandou reservar. Falou pro cara da agência que amanhã voltava. Se mandaram. Foram tomar uma pá de cerveja lá nos barzinhos à beira da represa. Apareceram umas meninas, ficaram de boa. O Guguinha se engraçou com uma, levou ela pra um canto, perto da prainha. Comeu a menina ali, na cadeira de rodas. De bundinha, ela gostou. Ficaram a tarde toda na vadiagem. Saíram já noitinha. De volta pra Lourenço Dias. No carro, ficou pensando. Não estava gostando nada daquilo. Precisava conversar com o Boka.

No bar da Loira, a turma toda. Ficaram de papo. Alguém trouxe um pouco de pó. Passou de mão em mão. O Boka não gostava daquela função ali. Mas não falou nada. Deixa a galera zoar. Amanhã vai ter uma parada, melhor relaxar.

Dez da noite, ligou o celular. Tinha uns vinte recados do Dirceu. Deixou pra lá.

Onze e meia, o Dirceu ligou:

– E aí, Boka. Me deixou falando, é?

– Aconteceu umas paradas aí, não deu. – falou, meio reticente. Só queria ver qual era a do Dirceu, se deixava escapar alguma coisa.

CAPÃO - OUTRAS HISTÓRIAS

– Então, cara. Tinha um negócio bom pra você, passei pra outro. Agora, vai começar a dar mancada comigo?

– Nada disso. Só umas paradas aqui. Tudo resolvido. Amanhã, se você quiser.

– Não, amanhã não tem nada. Quando pintar outra, te chamo. Fica na paz.

O Boka nem esperou ele terminar. Desligou. Falou olhando pra ninguém:

– Guga, você tá certo. Aquele escroto queria me pegar. Para a Loira, no balcão:

– Desce cerveja aí, dona Miriam. Vamos beber, cambada.

O pessoal foi chegando, copos cheios. Um brinde. O meganha já era.

No dia seguinte, a Firma saiu numa fita dada. Coisa fina. Seguiram uma madame num Eco sport vermelho. Saiu de casa no Morumbi, foi seguindo pela Francisco Morato, Raposo Tavares. Um pouco pra frente do Km18, encostaram nela, foram empurrando. Ela, apavorada, foi pro acostamento. Abordaram. Moleza. A dona tremia toda, paralisada ao volante. Maior trabalho tirá-la de lá. Puseram-na no Corolla que o Landinho roubara na noite anterior e rumaram pra Marsilac. Tinha um sítio lá.

– Vamos deixar a dona lá uns dois dias. Tempo de sangrar as contas, depois solta.

A ordem foi cumprida. Conseguiram arrancar cem mil da família, só com ameaças. Nenhum tiro, nada. Dois dias depois, ela foi solta na BR-116.

Entregaram a grana na mão do Boka e sumiram.

Dirceu andava escamado. Não conseguira pegar o Boka. O processo na corregedoria ia dar em nada. O delegado ligou e mandou-o voltar ao distrito. Beleza, voltar pra atividade.

Na delegacia, primeiro dia de serviço, fica sabendo do seqüestro da mulher do Morumbi. O marido empresário tinha uma metalúrgica ali no Embu, na BR.

O homem estava puto da vida, morrera em cem mil. Ofereceu dez paus para quem entregasse os caras.

Dirceu escutou. Ficou pensando. Não era o tipo de trampo que o Boka fizesse. Deviam ser outros caras. Mas, pensando bem, podia espalhar que tinha sido o pessoal do Boka. Assim, enquanto não pegasse ele, ia atrasando a vida do cara. É isso. Espalhou entre os caras que estavam cuidando do caso que aquilo era coisa do pessoal da Lourenço Dias. E queria sua parte da caixinha que ia rolar. Firmeza. Concoreram. Aqui é tudo da casa, partes iguais, foi o que disseram.

Foram pra rua. Três viaturas, mais dois chapas frias. Chegaram tocando o terror na Lourenço Dias.

Pegaram todo mundo ali pela esquina. Geral. Mão na parede. Esculacharam os meninos. Quem passasse na rua era parado. Velho, mulher, criança. Assustados todos, mão na parede. Passaram a mão numa senhora. Ela esbravejou, mandou passar a mão na bunda da mãe. Levou um tapão na boca. Quem deu foi um policial de touca ninja. Olhos puxados, de japonês. O mais violento deles.

Desceram os becos da Lourenço Dias. Revistaram barracos. Mulher de camisola, de calcinha e camiseta, pés descalços. Velhas que mal podiam andar. Botecos todos revirados, despejaram bebidas das garrafas. Iam invadindo os barracos, perguntando pelo Boka, Guguinha, Marcão. Onde mora o Marcão? Ninguém falava nada. Porrada nos homens. Bateram tanto no Tio Lúcio, o negro se cagara todo. Não falou nada.

Duas horas de terror depois, levaram o Leandrinho, que estava na condicional, e o Brito, um marceneiro meio bunda mole, que estava dando sopa por lá. Ninguém de relevância.

No caminho para a delegacia, Dirceu liga pro Boka:

– E aí, irmão tudo certo? Olha, tem uma parada pra você. Vai encarar?

CAPÃO - OUTRAS HISTÓRIAS

O Boka, informado do furdunço na rua, topa:

– Beleza, to precisado de uma grana mesmo. O que vai ser?

O policial, saboreando a vitória, marca:

– Antes, a gente precisa se ver, acertar uma parada aí.

O Boka topou. Daqui a meia hora então. Tá falado.

Chamou o Guguinha.

– Vamos só nós dois. Esse, já era.

Na Francisco Morato tem o bar do Mocotó, onde eles já se encontraram. O Dirceu era sócio do Ceará, lá. O Boka chegou antes. Não tinha ninguém. O bar ainda fechado, sentou-se à mesa de bilhar. Dentro do carro, do outro lado da rua, Guguinha,, escopeta na mão. Banco de trás. Total visão da rua.

Dirceu foi chegando e, ainda em cima da moto, recebeu três tiros. O Boka olhou pra ele, caído. Sentado na mesa de bilhar, atirou na mão dele. Dirceu rolou da moto, tentou pegar a arma na cintura. Boka deu mais dois tiros. Na outra mão e um na perna. O homem se torcia todo. O Boka chegou mais perto. Pisou no punho, a mão sangrava, a perna esfacelada. Pisou também no joelho dele. Os olhos esbugalhados.

Chegou o cano bem perto da boca do cara. Falou;

– Filho da puta, nunca matei ninguém. Você vai ser o primeiro.

Enfiou o cano na boca do homem e ficou olhando a reação. Não viu medo. Só ódio. Bateu com o cano nos dentes, com força. Dirceu mordeu com força, por causa da dor. Ou ódio? A mão, quase sem reação, abria e fechava, enquanto o chão molhado de sangue formava uma casca, igual tinta derramada. Boka não quis perder mais tempo. Deu um tiro. Mais um. Tirou a arma de dentro da boca do policial que ainda se mexia. Ia dar um de misericórdia na cabeça, acabar com aquela porra de uma vez, desistiu. O cara não merecia. Virou as

costas. Entrou no carro. Manobrou ali mesmo. De passagem, bem devagar, atendeu o pedido do Guguinha. Abriu a porta de trás. Guguinha, deu mais cinco ou seis tiros. Se foram.

O corpo ficou lá uma hora e meia. Ninguém apareceu, ali era bem deserto. Até que alguém ligou pro 190. Tem um homem morto aqui. Um monte de tiro. É, tem uma moto vermelha grande caída. Cinco minutos depois, encosta a viatura. Forma-se uma roda. Zoada total. Um monte de viaturas. O buxixo corre as bocas. Parece que era polícia. Polícia? Foda-se. Menos um puto, alguém fala. Uma mulher olha com pena:

– Tão moço, podia ser meu filho.

– Vamos embora, vó. – diz o adolescente.

A mulher se vai, olhando para trás: – Podia ser meu filho!

Na manhã de sol, um corpo é recolhido. Todos se vão. Ficam o sangue, um pé de tênis e as luvas do pessoal da perícia. Quatro luvas descartáveis, mais nada.

DE VOLTA À ROTINA

Depois da morte do Dirceu, a coisa entrou numa calma apreensiva. Lá, todo o mundo sabe. Quando fica muito calmo, vem bomba.

Os dias transcorriam calmos. Uma ou outra atividade maior. Um banco aqui, um seqüestro relâmpago ali. O Boka não era muito chegado a coisa grande, espetaculosa. Gostava mais de parada certa. Sem tiros, grana na mão. Depois das mortes dos meninos, ele anda meio ressabiado.

E ainda teve aquele esculacho lá na vila. Os mega invadindo barracos. Coisa feia de se ver. Na favela não tem só bandido, não. Tem muita gente boa. Tudo firmeza. E ali ninguém dedurou nada. É assim que tem que ser.

Os homens do distrito ainda andaram fazendo umas perguntas por lá, nada sério.

Numa terça-feira, aparece uma Blazer da Civil. Pára na praça. Dentro, dois policiais. Passa um moleque com uma pipa. O policial manda avisar o Boka que quer falar com ele.

O Boka manda um avião passar por lá e sentir, ver quem é.

O avião volta e diz que é o Russo. O Boka pega a moto e vai. Dá uma volta na praça, contorna por trás. O policial, de dentro da viatura, vê quando ele se aproxima.

– Boka? Firmeza aí?

– Tudo certo. Que há?

– Então cara, a gente precisa fazer um acerto aí. Depois da morte do Dirceu, a coisa ficou parada. Não precisa de grana, não?

– A gente está se virando. E depois, pra levar trairagem de polícia, estou fora!

– Nada disso, Boka. Comigo não tem essa de sacanear parceiro, não. Jogo limpo. Dou a fita, você executa. Meio a meio. Se der sujeira, o doutor lá continua segurando. Você tá ligado que ele segura mesmo, né?

– E aquela merda que vocês fizeram por aqui? Detonaram os barracos, esculacho até nas mulheres, velhos, crianças?

– Aquilo foi coisa nossa não. A ordem veio da anti-seqüestro.

O Boka aceita. Afinal não tem escolha mesmo. Não é um acordo. É imposição. Ou trabalha com os tiras, ou dança. Está acostumado. Depois, pensa: meio a meio é melhor que o acerto que tinha com o escroto do Dirceu. Ele levava sessenta, setenta por cento. Dizia que tinha que fazer a partilha.

Pelo menos esse aí, o Russo, já chegou jogando limpo. Meio a meio e o delegado segurava as broncas. Vamos lá. Pra atividade, então.

Dois dias depois, o celular tocou. Era o Russo. Fita dada. Vamos pro trampo!

Um supermercado, hora da retirada, carro forte na porta. O segurança do supermercado é comprado. Duas turmas, moto e carro. Operação padrão. Vai dar tudo certo de novo. A turma está ficando boa na coisa. Cinco minutos e já era. Grana na mão. Dessa vez foi bom, oitenta paus, limpinhos. Sem tiros, sem correria. Normal.

À noite, um churrasco na laje do Neguinho. Carne e cerveja. As meninas agitadas. Som de primeira, gente pra cacetete. Guguinha, feliz da vida. Silvinha topou namorar com ele. Sábado ele vai comprar um presente pra ela.

IRMÃOS CORVO

Na viela, a família do Seo Nino, funcionário do Estadão, quase aposentado, era a mais antiga. Seo Nino ainda não se aposentara porque faltavam uns registros na carteira. Coisa do tempo da juventude, bóia-fria aqui e ali. Ficou um buraco entre os registros, na hora de levar a papelada, faltou. Mas iria chegar. A esperada aposentadoria iria chegar.

Aí ele não ia precisar, mais, levantar às quatro da manhã, tomar dois ônibus lotados, caindo gente da porta, e ir até o bairro do Limão. Faxineiro ganha pouco. Mas é o que se tem.

Os meninos, oito, criados na rua. Soltos no mundo. A mulher, dona Izildinha, muito doente. Anos na cama, entrevada.

Zé Gago, o filho mais velho, caiu no crime. Rebelde desde pequeno, não escutava ninguém. Pegou FEBEM, puxou uns três anos. Esquecido, lá. Depósito de meninos. Entrou por que roubou uma dona lá no centro da cidade, cortou a alça da bolsa. O gambé na cabine viu, pegaram-no.

Saiu de lá bandido feito. O assunto por ali era um só. Fugir. No dormitório apinhado, dormiam dois num colchão fino. Pé na cara um do outro. E os peidos. Uma batalha. De dia, disciplina. Mãos pra trás. Cabeça baixa. Nunca esquecer de falar senhor. Sim senhor, senhor. Pronto, senhor. Sim senhor, senhor.

E quando o diretor de disciplina passar, nunca levantar os olhos. Sim, senhor. Os olhos, não. Nem a cabeça. Certo, senhor.

Nos primeiros tempos, tentava não esquecer. Regras de sobrevivência. O esquecimento podia render algumas estocadas nas costelas. Doíam demais. Podia ficar sem almoço, também. Era ruim ficar sem almoço. Sim, senhor. Não, se-

nhor. Rotina. Conversa besta, fuga. Você não quer fugir, otário? Quero não, senhor.

No pátio, tinha que parar a jogada com a bola improvisada toda vez que o monitor passava. Mãos pra trás, ladrão.

– Hei, ladrão vem até aqui.

– Sim, senhor.

– Pega esse papel aqui no chão pra mim, ladrão.

Abaixa, pega o papel entrega pro monitor.

– Como é que se fala, ladrão?

– Com licença, senhor.

– Pode ir, ladrão.

Afasta-se, andando de costas. Não se pode virar as costas pro monitor. Não esquecer. Disciplina, ladrão.

Um dia, veio o monitor no dormitório. Chamou pelo nome.

– José Adamantino dos Santos!

Ele levantou. Cabeça baixa, mãos pra trás.

– Passa na sala da monitoria amanhã cedo, ladrão.

Cabeça baixa, mãos pra trás:

– Sim, senhor.

O monitor observa. Três anos, Zé Gago vai sair. Vida besta, essa.

Ao lado do colchonete, Zé Gago aguarda mais uma ordem.

O monitor não fala nada, sai. Lá da porta, fala:

– Pode sentar, ladrão.

– Com licença, senhor.

Apagam as luzes. Aquela noite Zé Gago não dormiu.

Chegou à viela de tardinha. Usava umas roupas que a tia-voluntária levou pra ele. Chamava-a de madrinha. Nem sabia o nome dela. Uma calça jeans surrada, um pouco grande. Um tênis usado, mas em bom estado. A camiseta era nova.

Bonita. Não era de marca. Hering, branca. Parecia a do uniforme, mas sem aquelas coisas escritas, que ele não sabia o que era. Só decifrava por ouvir os outros. Nas costas estava escrito: FEBEM em cor azul. Na frente U-II, que ele não sabia dizer o que era.

Ali na Chácara ele era o terror. Com uma semana, se juntou com o pessoal da rua de cima. Turma da pesada. Não faziam fitinha à toa. Só assalto nas chácaras de veraneio, sempre fechadas, em Itapecerica da Serra e no Embu das Artes. Sempre voltavam carregados. Vendiam tudo na redondeza. O Raimundo do bar comprava tudo. Pagava uma mixaria. Mas tinha maconha, pagava com a erva. Bom negócio.

Nos três anos que passou na Febem, Zé Gago se lembrava dos irmãos. Cresceram. Era uma escadinha. Os dois últimos, meninas.

Seo Nino trabalhava demais. Família grande, mulher doente.

Zé Gago roubava muito. Saía toda noite, só voltava na madrugada.

Passou nessa vida um punhado de anos. A criançada cresceu. Os irmãos também. Edinho e Mauro, diferença de um ano, também roubavam. Mercadinhos, padaria, posto de gasolina. Quando a coisa apertava, partiam para as peruas de lotação. Mixaria pra cada um, mas era o que tinha.

O Izaias comandava. Morava na rua de cima. Botava o terror no pedaço. Negro alto, forte. No futebol, um craque. Aos sábados, jogavam na quadra da escola. A diretora liberava a quadra. No começo, ela negava. Depois, cansada das invasões, mudou o tratamento. Emprestava a quadra, eles não depredavam a escola. Política de sobrevivência. Lei da selva.

O apelido do Izaiás era Bradock. Por causa do filme que passou na televisão. Era ruim. Matava mesmo. E quando

pisavam no tomate, castigo. Deixou um moleque estirado no chão uma vez, só porque achou que o moleque dedurou ele. Foi em cana, passou duas semanas no xadrez. Liberado por falta de provas, ninguém quis registrar o b.o.

Quando voltou, cismou que o Dentinho, moleque lá da rua, tinha cagüetado. Bateu muito. Na frente de todo mundo, na rua. O pai viu, a mãe chorava. Bateu com a mão, bateu com um pedaço de pau. Quando cansou, virou as costas e foi embora. Levaram o menino pra dentro de casa, cuidaram dele. Ficou andando torto um tempo, mudou o apelido.

Zé Gago começou a andar junto, virou parceiro. De fé. A dupla botava terror nos assaltos. Entravam nas mansões, chácaras de final-de-semana. Tinha coisas boas naquelas casas enormes. Levavam TVs, aparelhos de som, vídeo-cassete. Quadros. Litros de bebidas, aos montes.

Na volta, passavam no bar do Raimundo. Faziam dinheiro. Dividiam em partes iguais. O único que o Bradock tratava assim era o Zé Gago. Os demais, raia miúda, aceitavam o que ele desse. Na hora do assalto, se tinha caseiro ou os donos da casa estavam presentes, eles chegavam apavorando. Amarravam, batiam. Se tinha mulher, sempre rolava uma curra. O Zé Gago não gostava. Mas fazia também pra não arreliar o Bradock. Teve uma vez que passou apertado.

O Bradock aquele dia estava atacado. Tinha fumado, a erva era forte pra caralho. Ficaram muito doidos. Quando partiram para o assalto, descarregaram a adrenalina. A casa tinha gente. Chegaram de surpresa na sala, pegaram todo o mundo vendo tv. Gritos, tapões. No canto, tremendo, uma moça linda. Loirinha, corpo de atriz de televisão. E os olhos? Coisa mais linda. Bradock pegou uma quarentona alta, corpão, cabelos pretos. Comeu a mulher ali, na frente de todo o mundo. O Zé Gago, arma na mão, impaciente, mantinha todo

mundo parado, colado na parede. Quando o Bradock acabou, vestiu a calça, falou pra ele:

– Vai, tua vez. Faz a Loirinha ali.

Zé Gago foi pra cima da garota. Pegou pelo braço. Arrastou ali pro corredor da sala, no carpete verde. Tirou o pau pra fora. Mole. Deu umas bombadas, uma punheta rápida. Nada.

No chão paralisada, chorando, a garota pedia:

– Não moço, não faz isso não.

Zé Gago ali, de quatro, sobre a garota, que já estava com a calcinha abaixada. O pau, mole. Murcho. Nem punheta resolveu. Desistiu. Falou pra menina:

– Geme aí, finge porra!

Ela chorava.

Ele saiu de cima dela, puxou a calça de moleton, virou as costas.

Fala pro Bradock:

– Pronto, vambora.

O Bradock ficou olhando, contrariado.

Pegaram as coisas e pularam rápido o muro. Perderam-se na escuridão.

Lá ao longe, uma sirene de polícia. Fugiram rápido, que ali ninguém queria ser preso.

Na viela, dividiram as coisas. Amanhã, iam ao Raimundo trocar. O Bradock não deixou passar:

– Aí, Zé. Vacilão. Broxou, hein?

– Quem broxou?

– Você, vacilão. Pensa que eu não vi? Uma loirinha gostosa daquela e você não conseguiu comer. Vacilão e bundão.

Zé Gago não falou nada. Estava puto da vida com o Bradock, que ia zoar muito com ele. E também com ele mesmo. Não conseguiu comer a mina, pode?

A larica bateu forte, entrou em casa, foi procurar alguma coisa. Comeu arroz frio na panela mesmo. Foi dormir.

Duas semanas depois desse assalto, foram numa chácara, lá perto. Festa de aniversário. Chegaram pelo portão da frente. Ninguém percebeu. Quando viram os dois, armas na mão, era tarde. Fizeram uma limpeza. Levaram relógio, som, tudo o que conseguiram colocar na Variant velha que pegaram emprestada do pai do Tortinho, aquele moleque que o Bradock tinha batido muito.

Foram embora. Lá embaixo, toparam com a polícia. Enquadro. Cana.

Dessa vez, Zé Gago dançou. Puxou cadeia três meses. Falta de prova, ninguém reconheceu. Rua.

Quando chegou, ficou sabendo. Bradock já era. Mataram-no na cadeia.

Tinha uma treta antiga com o Neno, bandido das antigas, que puxava vinte anos de cana. Bradock foi da delegacia direto pro Carandiru. Delegacia lotada, não tinha lugar. Foi posto na mesma cela do Neno. Primeira noite, estilete. Já era.

Zé Gago começou a ficar injuriado com aquilo. Lembrou de um pastor que ia sempre lá na Febem. Ficou pensando. Uma noite viu quando seo Nino ia pro culto. Teve vontade de ir. Não foi. Mas ficou pensando, lembrava das palavras do pastor: “Deus não esquece os seus filhos. Todos somos filhos de Deus. O homem não veio pra terra pra sofrer, veio pra ser feliz. No caminho, se perde. Vira um desgraçado, infeliz. Mas Deus está sempre pronto pra receber aqueles que se arrependem dos atos errados que fazem”. Aquilo ficou ali, martelando. Deus nem sabia que ele existia, pensou. Mas aquelas palavras sempre o acalmaram, lá na Febem. Um dia, vou nessa igreja aí, pensou.

Na noite seguinte, foi. Ficou escutando o diácono falar. Igreja pobre de vila não tem pastor. O diácono, faz a prega-

ção. Ele não falava igual ao pastor lá da Febem. Mas falava também em perdão, arrependimento. Zé Gago gostou do culto. Ali se sentia bem.

Voltou mais vezes, conheceu a Maria Nazareth, uma negrinha que vivia olhando pra ele. Conversaram. Um dia, pediu pra namorar com ela. Aceitou, era o que ela queria. Um tempo depois, se casaram. O diácono abençoou. Seo Nino estava contente, agora o Zé Adamantino tomava jeito.

Ainda passou um tempo roubando, não tinha profissão, não sabia fazer nada na vida. Mas largou logo. Alguém da igreja arrumou um trabalho pra ele num estacionamento. Lavava os carros, polia, aprendeu a manobrar. Só não podia dirigir, porque não sabia ler e nem escrever. Ficava por ali, fazia de tudo.

O salário era uma merreca. Mas não tinha polícia no seu pé, não tinha o Bradock pra chamá-lo de bundão.

Vieram os filhos. Um por ano, igual seu pai. Família grande, salário apertado.

Os irmãos Elinho e Marcos estavam ainda na primeira fase do processo. Roubavam, vendiam pro Raimundo do bar, que nem morava mais lá, tinha mudado pra uma casa ali na Feitiço da Vila. Era o patrão, agora.

Seo Nino se aposentou. A mãe morreu, finalmente. Sofreu muito, aquela mulher. Zé Gago nem lembra de ter visto a mãe andando, sempre na cama.

Nazareth tinha cinco filhos, Zé Gago era diácono. Aprendia a ler e a escrever. Dona Carol, lá da viela, arrumou uma vaga pra ele no curso noturno. Conseguia ler alguns versículos da bíblia. O resto, recitava de cor. Algumas passagens, inventava. O importante é a fé, dizia Paulo, o apóstolo. Zé Gago agora era gente de bem.

Às vezes, as imagens do passado ainda o atormentavam. Nada que durasse muito. A vida é assim mesmo, nin-

Valter Ferraz

guém veio aqui para sofrer. Alguns se desviam do caminho.
Mas Deus não desampara. Todos somos filhos de Deus.

QUIRINO

E teve o Quirino. Garoto criado ali mesmo. O pai morreu cedo. Ficou a mãe, com os meninos pequenos. Ninguém virou bandido. Gente pobre, vida sofrida. Mãe faxineira, diarista. Quando o Izé tinha uns dez anos, ela também morreu. Uma tia acabou de criar os meninos. O mais velho arrumou um trabalho no Paraná e nunca mais foi visto.

Ficaram os menores. Três garotos e uma menina. Ela cresceu bonitinha, logo entrou num escritório, pra aprender o serviço. Trabalhou um tempo, mudou pra outro. O patrão gostou dela, pagou estudo, ela se formou. Mudou pra um apartamento, dividia despesa com uma colega. No começo, mandava um dinheiro, de vez em quando aparecia para ver os meninos.

Casou com um sócio do patrão, se mudou para o Rio de Janeiro. Ninguém nunca mais ouviu falar nela.

Izé cresceu por ali. Menino prestativo, educado. Todo mundo gostava do Izé, de nome José Quirino. Ficou Izé por causa de uma gagueira, quando criança. Era considerado. Em todos os bares, todas as casas. Conversava com os adultos. Com a molecada, era o mais moleque de todos. Começou a trabalhar com quinze anos. Mappin, centro da cidade. Foi lá o primeiro emprego. Aprendeu contabilidade, era um bom assistente. Um dia, se cansou de tudo, largou o emprego. Antes, arrumou um esquema com o pessoal da expedição. Conseguiu desviar umas tvs, aparelhos de som. Tudo esquema bem montado. Saía nota como se fosse devolução de assistência técnica. Ninguém percebia. Vendeu uns aparelhos lá na vila, quando percebeu que o esquema ia cair. Ninguém percebeu nada. Só foram dar com o golpe no final do ano, na hora do

balanço. Nem o Izé e nem o chefe da expedição trabalhavam mais lá. Ficou por isso mesmo.

Com a indenização dos cinco anos trabalhados no magazine, comprou uns equipamentos e montou a borracharia. Ficou conhecido como Borracha. Ali, onde tinha seu estabelecimento ninguém sabia quem era o Izé. Nem o Quirino. Era o Borracha. Prosperou. Conheceu a Graça, uma loirinha que morava nas quebradas do Independência, um bairro meio cáido, perto do Valo Velho. Casaram. Ele abriu uma nova loja de pneus. Ela ficava numa, ele na outra. Comprou um terreno invadido, lá perto, e montou um galpão grande. Começou a comprar pneu velho para recauchutar. Dava um bom dinheiro.

Um dia, comprou um lote de pneus de um policial militar. O cara levou-o num terreno grande que tinha no Embu. Abriu o esquema. Moleza. Arrematava uns carros num leilão, pra dar aparência legal no negócio. Os carinhas faziam o serviço sujo. Depenavam os carros, ele comprava baratinho. Sobravam os pneus. Agora passaria a vender pro Borracha. Negócio bom pros dois lados. Ficou nesse lance um tempão. Os carinhas, atrapalhados, começaram a procurar o Borracha para vender uns pneus velhos. Ofereceram uns carros. Ele não quis. Comprou um caminhão, que transformou em guincho.

Num socorro que fez, trombou com o policial do depósito. O cara mostrou como ganhava dinheiro. Borracha se interessou. Fazia os carretos e ficava com os pneus. Levaram o negócio muito tempo. Meio legal, meio trambique. Normal.

Com a convivência, passou a saber dos lances antes de todo mundo. Descobriu que os maiores fornecedores do milico eram os colegas de farda. Descobriu também que muita bandidagem trabalhava cativa dos policiais. Sabia onde seria o próximo lance, quem iria. Sabia muito. Sabia demais.

Com o passar do tempo, com policial chegando toda hora no galpão, começou a se espalhar a conversa que o Bor-

racha era cagüeta da polícia. Os manos já não trocavam muita idéia com ele. E os pneus cada dia mais caros. Não compensava fazer serviço pequeno. Ganhava mais nos grandes lotes que chegavam.

Um dia, mandou os policiais darem uma surra num moleque que roubara uns pneus deixados de fora da loja. O moleque passou lá no dia seguinte. Os dois braços enfaixados. Um pedaço de madeira segurando os dois braços pra soldar o gesso. Ficara com os dois braços abertos, pareciam asas. As palmas da mão em carne viva. Os policiais bateram com cabo de aço na palma das mãos. Só pararam quando o moleque desmaiou. Ainda mijaram na cara dele. Ladrão tem que aprender, escutou, antes de apagar.

No dia em que passou todo enfaixado na frente da loja, Borracha viu o ódio nos olhos dele. Daquele dia em diante, começou a andar com um colete à prova de balas, presente do policial.

Uma sexta-feira à noite, fechado o galpão, estava indo pra loja onde trabalhava a mulher. Um Santana preto fechou o caminhão-guincho. O Borracha colocou a cabeça pra fora para ver quem era o abusado. Viu o moleque no banco do carona. Apontou o dedo em forma de arma pra ele. Mandou o cara se foder. Arrancou com o caminhão.

Dez da noite, voltou ao galpão, era mais ou menos a hora que o policial costumava vir, para o pagamento da semana. Bateram na porta. O Borracha levantou a porta de aço. Antes, ajustou o colete, que subira, deixando a barriga de fora. Não adiantou. Os caras entraram atirando. Muito tiro. Na cabeça.

Quando o policial chegou, galpão aberto, luz acesa. O Borracha estendido, todo furado. Nem dava pra saber onde era a boca, onde estavam os olhos, o nariz. Uma poça de sangue. Muita bala espalhada. Perto da cabeça, o chão ainda

molhado de urina, dois pedaços grandes de gesso com talas, daquelas usadas em hospitais.

Antes de acionar a polícia, o milico observou as calças do Borracha. Viradas do avesso, tinham sido colocadas depois dele morto. Sabia bem o que aquilo queria dizer. Ligou para o distrito e se mandou. Antes, deu a volta no balcão de blocos, pegou a chave da saleta que o Borracha usava como escritório. Pegou o livro caixa, um caderno todo manchado de graxa, com anotações, e se foi. Não ia deixar pista do que eles tinham em comum. Uma merda, pensou. Subiu no carro e deixou o local. Daqui a pouco, chega a polícia, perguntas, um furdução.

ESPAÇO NA VAN

O ano de 1994 se destaca no calendário. Em Brasília, a URV dá lugar ao Real. Moeda forte, inflação sobre controle. É o que diziam os jornais.

Na Chácara Santa Helena, tudo caminhava igual. Muito suor, pouco emprego, violência. Tiros na madrugada.

Os ônibus que fazem o percurso Valo Velho-Largo São Francisco não dão conta da demanda. Lotados, transbordam gente. Ar irrespirável.

Alguns motoristas, dispensados da Viação Jurema e da São Luiz, se cotizam e resolvem trabalhar por conta própria. Cooperativa é o caminho, dizem.

Muita gente embarcou nessa. José Murilo também. Junto suas economias, a indenização de vinte anos na Viação São Luiz, e comprou uma perua Kombi velha num leilão. Estava feliz da vida. Seria seu próprio patrão.

Trabalho duro, levantar às quatro da manhã. Pra ele, novidade nenhuma. Fizera isso a vida inteira, mesmo antes de vir num pau-de-arara de Cajazeiras, na Paraíba, pra São Paulo, há vinte e cinco anos.

Começara na garagem da empresa de ônibus como conferente. Arrecadava o dinheiro das catracas, apontava os relatórios, contava o dinheiro e mandava para a tesouraria. Fez isso durante cinco anos. Mas estava de olho numa vaga de motorista. Emprego melhor. Muita hora extra. E ele precisava de dinheiro. A família ficara na rocinha, em meio à caatinga. Prometera ao velho pai que traria os irmãos para o sul.

Quando teve um corte grande de pessoal, remanejaram algumas linhas e, com a saída da CMTC, sobrou uma vaga. O

encarregado de tráfego gostava daquele paraibano da conferência. Resolveu arriscar.

José Murilo agarrou a chance. Melhor motorista da turma. Sempre pronto. Não fazia corpo mole, nem recusava serviço.

Agora, tinha seu veículo. Não era lá muita coisa, mas era seu. Iria pagar em dois anos. Se tudo corresse bem, até antes. Trabalhava sozinho nos primeiros meses. Era motorista e cobrador. Economia. À noite, dava uma garibada na kombosa ali mesmo, no quintal grande de sua casa. Não tinha murado o terreno e dava pra usar como um pátio. A manobra era tranqüila. Depois de engraxada, bancos limpos, ia para dentro de casa. Banho e cama. Dia seguinte, tudo de novo.

Com o tempo, viu que precisava de um auxiliar. Chamou o Joelson, filho da Dona Ditinha. Vizinha mais que prestativa, também de Cajazeiras. Quando Laura, sua esposa, ganhou nenê, Dona Ditinha cuidou dela como filha. Carinho, atenção de mãe. Esse tipo de coisa não se esquece.

Agora, retribuía dando emprego para o menino. Joelson era bom nas contas, rápido raciocínio, não passava nada. Lembrava um pouco o garoto que José Murilo tinha sido. Aprendera-as antes de saber ler direito.

Começaram a trabalhar firme, os dois. A linha vivia lotada, passageiros dia e noite. Joelson não reclamava do trabalho. Além disso, dava uma força na manutenção do veículo. Dupla perfeita. Batman e Robin.

Em casa, contar a fêria do dia. Já pagara dez prestações. O negócio era bom. O problema eram os passes de ônibus, vales-transporte e um ou outro assalto. As últimas viagens do dia eram as mais perigosas. Nunca se sabe quando vai entrar um maluco, sacar o berro e anunciar: assalto, passa a grana. Rápido, não tô zuando, não. Tudo muito rápido. Tinha passageiro que nem se dava conta que tinha tido um assalto.

CAPÃO - OUTRAS HISTÓRIAS

Mas não dava para recuar. Era o negócio, faz parte.

Joelson, feliz com o emprego, pensava em guardar um dinheirinho. Tiraria carta de motorista quando fizesse dezoito anos. Teria seu próprio veículo.

Não que José Murilo fosse mau patrão. Não era isso. Mas Joelson sabia fazer contas. Quando largou a escola na oitava série, sem concluir o ensino fundamental, a professora, Eliete, ficara muito triste, pois o rapaz era bom aluno, gostava dele. Fazer o quê?

O negócio do vale-transporte era lucrativo. Tinham uns esquemas com uns postos de gasolina que compravam com deságio. Tinha também o cara dos tíquetes. Comprava o que viesse. Diziam que começou comprando ouro lá no calçadão da Vinte e quatro de Maio. Ninguém sabia ao certo. Mas passes de ônibus, comprava o que aparecesse.

Os donos de peruas, na periferia, precisavam de dinheiro vivo. Ele vinha, fazia o preço e levava. No pescoço, um cordão de ouro. Bem nojento, o cara. Sempre desconfiado, não falava muito. Joelson nem ia muito com sua cara. Negociava rápido, passava os pacotes e contava o dinheiro. Tinham se estranhado uma vez, por causa disso. O pacote que era para ter cem reais, tinha só noventa e cinco. Notas miúdas, algumas rasgadas. Joelson conferiu mais de uma vez. Recontou, separou as grandes, contou novamente. Falta cinco, falou para o Valdemar. O homem não gostou. Pegou o maço de notas com má vontade, contou bem devagar. Constatou o erro. Colocou mais cinco notas de um real em cima do banco. Precisava ir.

Daquele dia em diante, Joelson ficou mais esperto. Contava o dinheiro com cuidado. Conferia os passes e os vales-transporte. Ninguém gosta de perder dinheiro. Valdemar era um nojento.

Um dia, aconteceu. Trocou trezentos reais em passes. Teria que pegar duzentos e setenta paus. O cara deu dois pacotes. Um com cento e trinta, outro tinha só cento e vinte. Faltam vinte reais, ele falou. Valdemar cresceu.

– Ta me chamando de ladrão, moleque?

– Não é nada disso. Tá faltando vinte. Tem trezentos em passes. Quer conferir?

José Murilo vem vindo do bar, estava com fome e tinha ido comer uma coxinha. Chega e escuta a discussão. Interfere:

– O que tá pegando?

Valdemar, irritado, fala em voz alta, quase gritando:

– O moleque aí tá de má vontade. Quer atrapalhar o meu dia. Me deu duzentos e setenta e oito reais em passes e quer duzentos e setenta em dinheiro?

Joelson intervém:

– Tinha trezentos reais, eu contei. Mais de uma vez. Pode conferir, se quiser.

O tiqueiro, puto da vida, remexe em sua pasta preta. Pega uns papéis, tenta desfazer o maço de passes. Não consegue.

Coloca em cima do banco da perua. Está com pressa, quer acabar logo com aquilo.

Joelson se antecipa, pega os passes, vira ao contrário. Mostra para José Murilo. Tem a sua marca no canto esquerdo. Um “Z” minúsculo, caneta esferográfica.

Valdemar apanha os passes e começa a contar. Vai demorar. Sabe que o perueiro não pode demorar. Enrola, ganha tempo.

José Murilo olha para Joelson e dá por encerrado o papo.

– Tá certo, me dá os duzentos e cinqüenta aí.

Ele paga e vai embora sem falar nada.

Já na perua, pegando os primeiros passageiros, ali na Feição da Vila, eles conversam:

– Os passes tão tudo marcado, Zé. Tenho certeza. Não ia errar a mão. Aquele escroto sempre dá um jeito de roubar. Você não devia ter aceitado. Puta sacanagem.

CAPÃO - OUTRAS HISTÓRIAS

– Deixa quieto. Eu vi que os passes estavam marcados. Ele tentou aplicar. Mas se a gente fica ali, iria perder a hora. Daqui a pouco começa o horário melhor e a gente ia perder.

– É, mas é sacanagem. Gosto desse cara não. Fosse eu, não fazia mais negócio com ele.

– Fica frio. Tô arrumando um esquema melhor. O Roger lá do Posto Nacional vai começar a comprar passe também, aí a gente troca com ele. Vou passar hoje à noite lá. Dependendo da taxa, a gente começa logo amanhã.

Joelson calou. Estava puto da vida com aquele cara. Era a segunda vez que ele trapaceava. Sujeito escroto. Zé Murilo não devia ter aceitado. Ficou parecendo que ele estava errado nas contas. Joelson era bom nas contas, ninguém lhe passava a perna.

Trabalharam duro aqueles anos. A perua velha foi trocada por outra, dois anos mais nova. Agora eram cinco. E tinha um boato ali que só os micro-ônibus poderiam operar as linhas depois que o corredor de ônibus comesse a funcionar.

As coisas estavam mudando. Joelson agora trabalhava de motorista.

Zé Murilo pagou a sua carteira de habilitação. Gostava dele. Era esperto, trabalhador e honesto. Tudo o que Zé Murilo precisava.

Agora que o negócio estava crescendo e viriam os micro-ônibus, precisaria ainda mais do Joelson. Não confiava naqueles cobradores. Mais de uma vez teve que sair no tapa com alguns deles. Roubavam descaradamente. Quando pegava um no flagrante, não dava outra: esculachava na frente de todo mundo e mandava o cara embora. Não dava moleza pra ladrão.

Um dia estava no ponto final, fim de tarde. Conferia os últimos relatórios do dia anterior. Tinha uma perua dando diferença. Já tinha notado uns dias antes, mas não pode pegar

nada. Hoje, mais atento, verifica que falta dinheiro. Chama o cobrador. Quer explicações. Fuinha não gosta. Esbraveja, diz que não gosta de ser chamado à atenção. Se Zé Murilo quisesse conversar, podiam falar os dois, a sós.

Zé Murilo se altera:

– Comigo não tem esse negócio de particular. Tudo é na frente de todo mundo. Não contrato ninguém em particular. Meu negócio é tudo às claras. Não roubo ninguém. Também não aceito ser roubado. Ladrão comigo tem passagem curta.

O Fuinha, escamado, já vai alterado:

– Tá me chamando de ladrão, seo Zé?

– Tá faltando dinheiro nessa porra – fala Zé Murilo.

– Sou ladrão não. E não gosto que gritem comigo, tá sabendo?

– Se não quer ser chamado de ladrão, trabalhe direito, igual todo mundo. Pra mim, se faltou dinheiro é porque alguém roubou.

Fez umas contas no papel, entregou um dinheiro pro Fuinha:

– Comigo você não trabalha mais. Tá dispensado.

Virou as costas, entrou na casinha de madeira que serve de escritório no ponto final das peruas.

Fuinha ficou ali, parado. Ruminava. Não ia ficar assim. Foi embora.

Naquele dia, seis e meia da tarde, quando Zé Murilo manobrava em frente à sua casa lá no Valo Velho, não notou que alguém se esgueirava junto ao muro. O pátio, agora todo calçado, não deixava escutar os passos.

Abriu a porta do Opala preto e desceu. Não percebeu quando o Fuinha se aproximou. Foram dois tiros. Um no peito, outro na coxa direita. Caiu ali, o sangue jorrava.

CAPÃO - OUTRAS HISTÓRIAS

Fuinha virou as costas, arma na cintura, e foi embora. No chão, Zé Murilo vê o céu girar loucamente, a garganta seca, olhos escuros. Tudo roda.

Na tarde que cai, um corpo estendido. José Murilo está morto.

Quando as peruas voltavam, a notícia já tinha se espalhado. Foi um auê de gente chegando. Dona Laura passou mal, precisou de hospital. Joelson levou até Itapecerica. Voltou, cuidou do enterro. Foi o braço direito dela.

No dia seguinte ao enterro, ela chama Joelson em sua casa. Precisam conversar. Saber o que fazer. Não pode abandonar o negócio das peruas. Viviam daquilo.

Fala para Joelson que conta com ele pra tocar o negócio. Os motoristas não respeitam mulher, você sabe disso, ela fala.

Joelson respeitava Dona Laura como se fosse sua mãe. Sempre falava que ela era sua segunda mãe, desde que aceitara ser sua madrinha de crisma, quando aquela catequista da escola falou que, pra ser crismado, precisava de uma madrinha. Ela aceitara, ele ganhara mais uma mãe.

Disse pra ela que podia contar com ele. Conhecia do negócio das peruas. Ela estava garantida, não tinha erro. O negócio tinha prosperado desde que o Zé Murilo tinha comprado a primeira perua velha. Fazia tempo, né dona Laura?

O corredor de ônibus ligando o Capão Redondo a Santo Amaro ficou pronto, teve festa de inauguração. Até o governador compareceu.

Ficou uma beleza. Só micro-ônibus novo, padronizado podia operar ali. Diziam que logo não aceitariam mais passes de papel, tudo eletrônico. Um cartão magnético, uma catraca e ficava tudo ali registrado, nem precisava de cobrador. Mas ainda iria demorar. Por enquanto, o velho sistema de passes, vale-transporte, tudo igual.

Depois da morte de Zé Murilo, o negócio ficou diferente. Joelson, antecipando-se às mudanças que sabia que viriam, trocou as peruas pelos micro-ônibus. Se enturmou com o pessoal do sindicato e formou uma associação de perueiros. Elegeu-se presidente. Ele era bom de contas e de votos.

A política municipal é muito entrelaçada com sindicatos, associações de bairro, essas coisas. Joelson estava sempre por dentro. Cara de fácil trato, um sorriso sempre no rosto, uma palavra para o colega necessitado. Às vezes, emprestava dinheiro do próprio bolso. Em caso de doença, por exemplo. Tinha dó. Sabia o que era a vida numa cidade igual a São Paulo. Terra de ninguém.

Com o passar do tempo, sua liderança era natural. Todos confiavam nele. Ganhou amigos na política, era ouvido pelos vereadores em reivindicações, ameaças de greves, essas coisas.

A associação cresceu. Muita gente via o negócio dos transportes na periferia como uma boa opção para ganhar dinheiro. E era. Só tinha um problema: era um negócio bom para poucos, um clube fechado. Mais gente significava menos lucro. Isso o pessoal da associação não gostava de discutir.

Joelson não rezava por essa cartilha. Trabalhava com os carros do finado Zé Murilo e tinha seus três veículos também. Estava de bom tamanho. Era solteiro, sozinho. Com a morte de Dona Ditinha, estava só no mundo. Não precisava de muito. Mas entendia que os colegas tinham uma outra situação, então lutava pelos interesses dos outros.

Gostava do negócio.

Comprou mais dois veículos e colocou na linha. O tempo passava lento. O patrimônio de Dona Laura cresceu. Os dois filhos entraram na faculdade, ela resolveu casar de novo. O novo marido, um pernambucano arretado, ganhara

muito dinheiro com uma rede de farmácias, na periferia. Ficou rico. Comprou uma casa no Morumbi, bem perto dali. Dona Laura se mudou pra lá.

Um dia, chamou Joelson em sua casa. Conversaram. O marido queria vender o negócio de transporte. Não era a praia dele, disse.

Joelson fez uma proposta. Ficaram de estudar. Dez dias depois, foram ao cartório de Itapeceira da Serra e lavraram um documento. Joelson entregou o cheque visado. O negócio dos micro-ônibus agora era todo seu.

Saíram, foram ao Recanto Gaúcho, na BR-116. Um rodízio, um brinde. Votos de felicidades. Estava feito.

Dona Laura e seu marido entraram na caminhonete vermelha, uma F-250 cabine dupla e se foram. Joelson ficou. Não tinha pressa. Ninguém esperando por ele. Agora, era o dono do negócio de transporte na região. Doze micro-ônibus concentravam metade de todas as linhas do bairro. Logo iria ampliar. Tinha proposta para comprar mais duas linhas. Uns trinta micro-ônibus no total. Dava um bom dinheiro.

Parado no estacionamento da churrascaria, palito de dente girando na boca, aprecia o movimento da estrada. Teve vontade de viajar. Tiraria vinte dias de férias, decidiu. Nunca tirara férias na vida.

Entrou no carro, pegou a estrada e foi até o retorno. Entrou à esquerda. Estava feliz. Era o dono do negócio agora. Bom demais para quem começara aos quinze anos como cobrador, pensou.

PROVA 01
CBJE

SANTA EDWIGES

Aquele era o primeiro ano deles ali. Chegaram no mês de maio, vindos do interior. As coisas não tinham dado muito certo e tiveram que voltar para a capital. Foram morar numa viela, ali na Chácara Santa Helena. Ruela de terra, quando chovia era um inferno. Não entrava caminhão de lixo, ambulância, bombeiros, nada. O barro tomava conta.

A rua principal, a Luar do Sertão, ficava impraticável. E ela era o meio de ligação do lugar com o restante do bairro. Ali embaixo, a Rua Feitiço da Vila era onde corriam os ônibus. Quem quisesse ir para Santo Amaro ou para o centro, não tinha outra opção.

Os meninos, pequenos ainda, foram matriculados na escola estadual ali pertinho. A casa não era lá essas coisas, mas para a situação até que servia bem.

Elisa logo se enturmou com a vizinhança. Vinda do interior sabia prezar as amizades e sabia também que em cidade como São Paulo, bairro pobre de periferia, as pessoas precisavam uma das outras. Logo, as vizinhas aprenderam a gostar daquela mulher de pequeno porte, trabalhadeira, não ficava em portões de conversa fiada. Sempre trabalhando, acompanhando os meninos que tocavam a vida.

O mês de maio em São Paulo sempre prenuncia o inverno que chega. O frio mesmo pega firme mais lá para o mês de junho. Ela tinha uma Lanofix, máquina de tricô que garante o sustento da casa. O marido logo que chegou empregou-se num escritório no bairro de Moema, mas não durou muito. Saiu. Estava fazendo um curso. Trabalharia como mecânico de refrigeração. Gostava disso.

Os meses se passaram, os meninos já bem enturmados na escola, ela decide dar aulas de catecismo para as crianças da vizinhança. Forma um grupo de mulheres, jovens e adolescentes, conversa com a direção da escola e conseguem autorização para as aulas ali, aos sábados.

Quando o mês de outubro se aproxima, Elisa conversando com a vizinha da frente, Carol, que trabalha como merendeira da escola, fala de uma promessa que fez. Todos os anos no mês de outubro no aniversário do filho do meio, o Raul, ela prometera a Santa Edwiges fazer uma sopa e dar para crianças pobres. Aquele ano ela também queria fazer, mas como chegara há pouco, conhecia pouca gente, não sabia se daria para fazer.

Carol se interessou. Podia ajudar. Gostava dessas coisas. Trabalhava na escola como merendeira voluntária, nem ganhava nada para isso. Empolgaram-se com a idéia. Combinaram.

Aquelas últimas semanas passaram rápido. Muitos preparativos. Elisa comprou os ingredientes. Como o preço do frango estava alto, comprou coxas de peru. Davam sabor e eram nutritivas.

Na véspera ficaram até tarde da noite arrumando as coisas. Carol se envolvera na atividade, trouxera outras pessoas para participar. Compraram alguns brinquedos baratinhos na Rua Vinte e Cinco de Março. Coisinhas bobas, algumas bonecas de plástico, bolas, carrinhos. Tudo baratinho. Alguns pacotes de balas. Crianças gostam de balas e pirulitos.

Fizeram os pacotinhos. Arrumaram mesas na garagem da casa de Carol, a única que tinha carro por ali. O marido Juarez, aposentado de uma metalúrgica bem grande ali da região, ajudou na arrumação.

O dia dezesseis chegou. A criançada toda animada esperava a hora do almoço. Os painéis no fogão industrial

emprestado da escola ferviam. Um cheiro bom de comida bem temperada invadiu o ar da viela. A criançada se espalhou por ali numa balbúrdia danada. Os homens foram se chegando curiosos.

– Não é para vocês não, seus marmanjos – avisou a Carol.

Todos foram para o boteco do Eládio no final da viela. Era ali que tomavam uma pinga, jogavam um bilhar. Todos vizinhos. Alguns metalúrgicos, muitos desempregados. Coisas da periferia.

Meio-dia, comida nos pratos de plástico, a molecada se esbaldou. Brincavam, ganhavam os presentinhos, mas antes encaravam o prato de sopa nutritiva e gostosa. Para alguns, a única refeição do dia.

Carol, incansável, subia e descia escada. O sobrado confortável tinha se transformado em quartel-general. Juarez, satisfeito, apreciava. Gostava de ver a mulher empolgada, trabalhando. Foi lá dentro, apanhou o aparelho de som, colocou as caixas na varanda do sobrado. Pegou uns discos, escolheu um do Roberto Carlos. Aumentou o som.

A viela ganhou ar de festa. Todo mundo fora de casa, apreciando o inusitado. Aquele sábado amanheceu diferente.

A vizinhança almoçou mais tarde. Alguns ainda pegaram uma carona na sopa das crianças, que as mulheres fizeram para sobrar mesmo.

Elisa, lá pelas quatro da tarde senta um pouco, está cansada, mas feliz. Promessa cumprida. Mais uma vez.

O menino Raul vai se chegando, encosta na mãe. É carinhoso aquele menino. Ela sussurra baixinho, só para ele ouvir: feliz aniversário, meu filho. Ele não fala nada. Fica quietinho ali, sentindo o calor que vem do corpo dela.

No final da rua, os homens tomam mais uma. É sábado, a viela ferve.

Valter Ferraz

De repente, um alvoroço. Gritaria. Movimentação estranha. A turma do Corvo vem chegando. O pessoal da rua de cima, que não se entrosa com eles, está por ali. Alguma coisa não vai ficar bem. É sempre assim quando os grupos rivais se encontram. Rixas antigas reaparecem, desafetos, furdunço.

A calma do sábado à tarde se foi. É sempre assim. Vida que segue.

LUCINHA

Depois da morte do pai, o Boka ficou ali pela vila. Cresceu desligado dos irmãos. Os dois meninos foram levados por uma irmã do Zaguinha que morava na Brasilândia. Perderam contato. Com ele, ali no Lídia, só a irmã Lucinha.

Um ano mais nova, foi criada pela madrinha, a Miriam. Também conhecida como a Loira. Por isso, o bar da Loira.

Lucinha era o xodó. Cresceu bonitinha, logo virou alvo de cobiça dos caras lá do pedaço. Quando o Boka sucedeu o Rubão no tráfico, Lucinha já era uma adolescente. Cabelos pretos, lisos e sempre bem cuidados. A madrinha não deixava faltar nada. Devia obrigação para a mãe da menina. Coisas passadas. O Boka não se envolvia. Gostava da irmã, mas à moda dele.

Lucinha foi crescendo, se desenvolveu, virou mulher. Mas os caras do pedaço mantinham uma distância respeitosa da menina. Quem ia pôr a cara com a irmã do Boka?

Ainda cursando o colegial ali no bairro mesmo Lucinha conheceu o Bozó. Um cara meio atrapalhado. Não chegava a ser bandido. Aprontava uma aqui, se dava mal ali. Vivia corrido. Ficava um tempo sumido, depois voltava. Numa dessas voltas cresceu o olho pra cima da menina. Chegou, jogou uma conversa, começou a sair com ela.

Dona Miriam não gostou nada daquilo. Comentou com a Zoraide, freguesa do boteco. Isso não vai acabar bem. O Boka vai pôr a cara, vai feder.

Um dia, o Bozó passa de moto. Pára na frente da casa do Boka. Avança com a moto até o bar da Loira. Chama pela Lucinha. Dona Miriam sai à rua e reza a cartilha para ele. O cara não fala nada. Escuta. Acelera e vai.

Começa a evitar a menina, não quer confusão com o Boka. Alguns dias depois numa ação mal calculada, fica sozinho frente a frente com a polícia. Deu errado a função. Tomou seis tiros. Nunca mais Lucinha ouviu falar no Bozó.

Do alto dos seus catorze anos, Lucia sofre a primeira perda que tem noção. O pai, a mãe e os irmãos ela não se lembra. Mas do namorado de poucos meses sim. E dói.

Depois de um tempo quieta no canto, o corpo fala mais alto. Já havia conhecido o amor e queria a sua parte. Começou a frequentar os finais de semana da Avenida Atlântica. Tem uns barzinhos legais ali, à beira da Guarapiranga. As festas por ali costumam bombar. A galera da zona sul comparece em peso. Todo mundo se encontra por lá.

Ali do Lídia vão a Claudinha, Samira, Laís e a Lucinha. Turma inseparável. A balada começa lá pelas onze da noite e vara a madrugada. Sempre pegam uma carona para voltar.

Conhecem um monte de carinhas por lá. Um domingo meio caído, nada para fazer, elas resolvem ficar de papo com uns caras que sempre encontram ali. Samira tem um amigo que está lá. Com ele o Laio. Lucinha conheceu-o numa festa há umas semanas, se olharam, não ficaram.

Aquela noite foi diferente. Samira ficou com o amigo, Lucinha se achegou no Laio. Ficaram a noite toda, uns amassos, uns beijos. Na madrugada, Laio levou-a de moto para casa. Marcaram de se ver no dia seguinte. Ele não foi. Mas ligou. Tinha umas paradas para ver, depois se falavam.

Na quarta à noite ele ligou, marcaram de se ver. Encontraram-se no Shopping Ibirapuera. Ficaram ali de bobeira. Ela gostava de uma tatuagem de dragão que ele tinha no braço. Começava pouco acima do punho e subia, dava a volta pelo lado detrás do braço. Acabava no pescoço. Cor verde, língua vermelha.

CAPÃO - OUTRAS HISTÓRIAS

Daquele dia em diante não se largavam mais. Com dezesseis anos, Lucinha achava que tinha encontrado o amor da sua vida. Algumas amigas tentaram falar sobre o que o Laio fazia para ganhar a vida, ela não quis nem ouvir, cortou no ato.

O Boka não se metia. Conhecia o Laio. Era de outro bairro, lá do Jardim Ipê. Não se bicavam, mas sem traumas. Cada um na sua. O Laio não era traficante. Fazia uns assaltos, saída de banco e outras coisas, emprestava dinheiro a juros. Tinha um cara lá do pedaço dele que sabia quem precisava de grana, normalmente pequenos comerciantes, prestadores de serviço, pegavam quantias pequenas, pagavam em dia. Com isso, tinha uma fachada para o seu negócio. E pagamento garantido, que ninguém era louco o bastante para não pagar o que devia ao Laio.

Oito meses de namoro, tudo tranqüilo. Lucinha feliz da vida.

Sábado à tarde, Laio diz para ela que vai dar uma saída e que à noite volta para irem lá na Atlântica, se ela quiser. Ela fica por ali esperando anoitecer. Faz escova no cabelo na casa da Samira. Acha que não vai querer ir à Atlântica, não. Está com um aperto no peito, não sabe explicar. Não fala nada para a amiga, mas é o mesmo aperto de quando o Bozó morreu. Não gosta nem de pensar.

Às onze da noite desencana. O celular do Laio não responde. Fica brava, irritada mesmo. Resolve dar uma volta na praça. Quando está subindo o escadão o celular toca. Atende. As pernas bambeiam. Encosta na parede da casa ao lado da viela. O coração dispara. Não consegue falar. Um grito sai espremido da sua garganta. Abaixa-se, senta no primeiro degrau do escadão e chora sozinha.

Quando consegue se levantar liga pra Samira e fala de uma vez:

– Vem logo aqui, preciso de você. O Laio morreu.

Samira larga tudo que estava fazendo e sobe rápido o escadão. Encontra a amiga num choro convulsivo. Algumas pessoas em volta tentam descobrir, por que a menina bonita chora. Ela fala para Samira que tenta abrir caminho.

– O Laio morreu. Bateu a moto na traseira de um caminhão. Foi à tarde.

Desmaiou. Levaram ela para casa. Dona Miriam a reanimou com vinagre nos pulsos e álcool. Aos poucos a cor voltou.

Foram para o velório lá no Campo Limpo. Passaram a noite lá. Poucas pessoas. Alguns parentes. Ela não conhecia ninguém. Dia seguinte, Laio baixou sepultura. Cova rasa, no Cemitério São Luiz.

Lucinha se recolheu. Passou alguns meses entocada, arredia. Só conversava com Samira, a amiga que morava em frente. Inseparáveis.

Depois de meses um dia resolveu deixar o luto, precisava viver.

Voltou a freqüentar os barzinhos da Atlântica. Conheceu gente nova, reviu os amigos.

Na semana de seu aniversário, estava programando uma festa de dezessete anos. Seria uma festa daquelas. Só os amigos, no Eukaliptus. Lugar da hora, alegria garantida. Ia ficar na história.

Na quinta-feira antes do aniversário foi numa festa na Reggae Night. Dançou muito, bebeu, beijou. Estava feliz de novo.

Lá pelas quatro da manhã resolve ir embora. Pega uma carona com os meninos que conhecia ali do Parque Santo Antonio. Uma turma da pesada, pedidos quase todos. Mas ela aceitou a carona, tinha nada a ver, pensou. Só queria chegar em casa.

Na esquina da M'boi Mirim com a Guarapiranga um Golf preto fecha o carro dos garotos. Descem dois caras,

CAPÃO - OUTRAS HISTÓRIAS

escopeta nas mãos. Não falam nada. Despejam tiros adoidado. O motorista ficou grudado no banco, todo furado. No rosto, peito e braços. Lucinha no banco do carona recebeu todos na cabeça. Ficou desfigurada. Ninguém reconheceria. Foi sepultada num caixão lacrado. Cova rasa no cemitério de Parelheiros, o Boka providenciou tudo. Fez um enterro de primeira para a irmã.

Andou meio calado aqueles dias. Não falou nada com ninguém sobre o assunto. Alguns dias depois, voltou tudo ao normal. A vida é assim. Uns nascem, outros morrem. Amanhã vai ter função, cambada. Hora de aprumar as armas, separar munição.

PROVA 01
CBJE

QUERMESSE NA VILA

Naquele dia, o Boka estava animado. A correria da semana foi boa. Fizeram um caixa. Estava todo o mundo montado e com grana no bolso. A morte do Dirceu deixara os moleques mais atirados, de vez em quando ele precisava dar uma segurada neles. Queriam função todo dia, é perigoso. Aí, o Guguinha teve a idéia.

– Por que você não liga pro Miltinho e agiliza um som aqui na vila?

O Boka ficou pensando e achou uma boa idéia.

Mês de junho, noites frias, todo o mundo vai lá pra Praça do Lídia. Vem gente de longe, tá todo o mundo acosturado com a quermesse. Já ficou famosa. No tempo do Zuza, dava muita briga, acertos de contas, nequinho mandava bala. Todo final de semana acabava em tiroteio. Agora não. Tudo sossegado. O bar do mocotó fica aberto a noite inteira, nas noites frias o pessoal vem de longe tomar caldo, beber cerveja, ir pra guerra. Ninguém sai de lá sozinho. Só se quiser. E tem umas mulheres legais ali. Sabem que o lugar é sossego agora. Final de semana ferve. O Ceará, dono do bar, levanta uma grana boa. Já comprou um sobrado com oito cômodos, ali pertinho, com a grana do bar, e conta pra todo o mundo que começou vendendo bala no ponto de ônibus.

A idéia do Guguinha foi adotada. Ligou pro Miltinho, falou que tava pensando em agitar um som na praça.

Ficou acertado.

Durante a semana, a notícia correu o Lídia. Vai ter um show de rap na quermesse, sábado que vem. Todo mundo se agitou. No Valo Velho, a negada fez uma correria pra levantar

uma grana. Ninguém iria perder o som dos caras e todo o mundo ia tomar um monte de cerveja. Sempre rolava umas paradas lá, a mulherada comparecia.

Sexta-feira, hora do almoço, o caminhão dos caras apontou na esquina, trazendo o material pra montagem do palco. Caixas de som, aparelhagem de luz. O som ia bombar. A turma ajudou a descer as caixas com os equipamentos. Os meninos da técnica vieram à noitinha e montaram o palco, viraram a noite testando a elétrica. Fizeram a passagem do som com um monte de música nos computadores, repassaram a mudança de luz, tudo em cima. Três da manhã, o Boka levou todo mundo pro bar do mocotó e pagou uma rodada de cerveja e caldo pra todos. Umas sessenta pessoas. Tudo mano firmeza. Os caras do conjunto estavam animados. Sábado durante o dia, tudo tranqüilo, tomaram umas cervas logo cedo. O Ceará colocou a caipirinha da feijoada lá fora, quem quisesse podia beber. Uma festa.

À tardinha, começaram a testar o som. O rap comeu frouxo. A rapaziada foi chegando. Um sábado calmo de vento gelado. O Ceará esfregou as mãos. Aumentou o estoque de cerveja nos freezers, tinha intenção de vender tudo. Chamou as meninas do bar do Jardim Ângela pra ajudar. Teria muito serviço. Vamos faturar hoje, pensou. Ainda bem. Estava com umas prestações do carro vencidas depois que comprou o sobradão, agora era capaz de deixar tudo em dia.

Sete da noite a praça estava lotada. O som devia começar lá pelas dez, mas já estava chegando gente e ninguém iria embora. A quermesse bombou. O quentão acabou cedo, só sobrou um pouco de vinho quente. Pastel, bolo, churrasquinho, vendeu tudo. O pessoal da igreja estava contente. Conseguiram ajuntar um bom dinheiro para as obras sociais. Estava aumentando muito o pessoal que ia buscar cestas básicas lá na

paróquia. Agora, ia dar pra atender mais gente. O Cigano, que fazia umas paradas de ajuda lá, morreu esse ano e sobrou muita gente de fora, agora iam buscar ajuda na paróquia.

Nove e meia os caras chegaram. O show começou acelerado, os caras cantaram uma porrada de música, a negada gostou. Tudo saiu dentro da rotina, como o som de dois anos antes, tudo tranqüilo.

Numa mesa do bar do mocotó, uns caras tomavam cerveja e conversavam. Um deles pergunta:

– Como é que aqui nas quebradas tem um show dos caras, esse monte de gente aí, e não tem polícia, não tem nenhum furdução, e lá na Praça da Sé foi aquele auê todo?

O outro, que tomava uma vodka, falou:

– Periferia, bacana. Aqui é nós. Ninguém põe as cara aqui, não. Polícia vinha fazer o quê? Nada.

– É, verdade.

O cara, sentado na mesa ao lado, toma sua cerveja e escuta o diálogo. Não diz nada. Mas concorda. Os caras mexem com a rapaziada mesmo. A polícia iria fazer o quê, ali? Levantou e pediu pro Ceará: mais uma breja aqui! Chegou mais gente na mesa e ele pediu mais duas cervejas, a noite estava boa.

Na praça, rolava a última música. O pessoal do apoio já começara a recolher os materiais. O relógio apontava quatro e meia da manhã. Domingão chegando, a praça ficando vazia. Numa mesa no canto, um homem fuma um cigarro. O copo de cerveja pela metade. Levanta e vai ao banheiro do bar. Lá dentro, uns carinhas cheiravam. Oferecem uma carreira, ele diz não, estou a pampa.

– Falou, tio! Festa da hora, hein?

Ele, de dentro do banheiro, termina a mijada e responde:

– É. Som, cerva e mulherada. Quem não gosta?

Os carinhas que cheiravam já tinham saído. Estavam maluquinhos, na boa. Pediu uma saideira ali no balcão. O Boka estava entrando.

– Vai um copo aí, Boka?

– Põe aí, tio. Gostou do som?

– Bom, eu não gosto do estilo, mas parece que a rapaziada gostou.

– É. Som da hora. A rapaziada tá de boa. Obrigado pela cerva, tô me mandando.

– Firmeza.

Chamou a mocinha do balcão, pagou as cervejas, foi saindo. Noite boa. Do outro lado da praça, numa rodinha, o Guguinha contava vantagem, falava das minas, diz que catou uma ali mesmo. O Boka foi chegando:

– Deixa de zueira, Guga. Vamo vazar.

– Bora lá.

Foram. O Guguinha na frente, chegou na porta do carro do Boka e ficou esperando ele chegar. Quando abriu o carro, pulou pra dentro. Ficou só esperando o Boka colocar a cadeira na parte de trás.

– Aí moleque, tá esperto, hein?

FINAL

Santo Amaro, Praça da Biblioteca Kennedy:

Estou sentado aqui, debaixo dessa árvore, há meia hora. Marquei com Guguinha uma conversa. Mandeí dizer que estou escrevendo um livro e ele é personagem. Mandou recado que tudo bem. Marcou o dia. Eu vim.

-Aí, Guguinha, como está?

- Beleza. Tô a pampa.

- Primeiro de tudo obrigado por ter topado a entrevista. Quando o Diego falou que você aceitou, nem acreditei.

- Firmeza. O Diego é meu camarada e o senhor sempre foi decente comigo. Daquela rua lá não salva quase ninguém, só tem filho da puta. Mas o senhor sempre se portou de acordo. O Boka considera o senhor. E eu também. Diego é tranqüilo. Não é da firma, mas é chegado. Camarada do Boka é meu também.

- Então, Guguinha a gente pode falar daquele dia, sem problema para você?

- Pode sim.

- Ia te perguntar: a perna como está?

- Tranqüilo, não dói mais. No hospital, doía pra caralho.

Agora tá bom.

- E essa cadeira?

- Bom, a cadeira é foda né? Mas essa aqui é boa, faço malabares com ela, subo escada, dou até cavalo de pau.

- Cavalo de pau?

- É, quer ver? Assim ó.

- Cara, vai cair e se arrebentar aí.

– Não caio não, estou acostumado. Aquela que me deram na cadeia era uma merda. Dura, só fazia dois movimentos, pra frente e pra trás.

– Essa aí você comprou?

– É. O Boka me deu o dinheiro e um doutor que atendia na cadeia mandou buscar pra mim. É gringa. Tô enjoado, seo Valter.

– Deixa eu ver, tem uns comandos aí na sua mão direita, o que é?

– Ah, tudo eletrônico. Pra frente, pra trás, sobe um lance de escada, vira de ré, de lado. A bateria dura doze horas sem carregar. Minha Ferrari. Preta e vermelha.

– É bonita. Quer dizer, para uma cadeira de rodas. Se é que uma porra dessas pode ser bonita, né? O que você está escutando aí no Ipod?

– Racionais. O senhor não curte, né? O Diego me falava que o senhor ficava puto com os Racionais. Mas a gente curte. Na cadeia, só dá eles. Quem não curte, dança. Eles foram lá um dia. Parou o cadeião. Depois me mandaram pra colônia, aí acabou a zoação.

– É. Não sou fã, mas não tenho nada contra, não. Só não é o meu som preferido. Mas eu e o Diego estamos na paz agora. Ele ouve o que ele quer e eu fico na minha.

– É, o Diego é firmeza. Chegado mesmo. Já falei pra ele: esta vida nossa não é a dele. Tem pai, tem mãe, o irmão dele é o carinha, trabalhador, firmeza e também é decente. Na dele.

– Você conhece o Bruno? Ele quase não andava por lá.

– É, mas a gente cruzava com ele direto. Quando vinha da facul. Ou no busão, a gente ali na função e o muleque chegando do trampo. Decente. O Boka considera ele pra caralho.

– Guaguinha, a gente pode começar? Eu estou meio atrasado hoje, saiu tudo do horário.

CAPÃO - OUTRAS HISTÓRIAS

– Vamos lá, seo Valter. O senhor vai gravar?

– Não, você vai falando, uma coisa ou outra eu anoto. Quando tiver tudo no papel, trago para você ver.

– Precisa não. Não sei ler direito. Esse negócio de livro, jornal, eu não curto não. Agora, não escreve mentira aí não, nesse teu livro, porque o Boka pode não gostar, aí fodeu né?

– Fica frio. Vou dizer só o que eu vi e vivi. E vou trocar os nomes também.

– Precisa trocar não. Não vou viver muito mesmo e depois todo mundo sabe que eu sou ladrão. Ali quase todo mundo é ladrão. Esconder o quê?

– Você nunca trabalhou, Guguinha?

– Trabalhei quinze dias no Supermercado Continental. Dei linha rapidinho. O que eu ganhava ali, em um mês, tirava numa hora numa fita boa. Caí fora. E ainda tinha um gerente babaca lá, dando ordem. Se eu tivesse ficado lá, ele já tinha ido.

– Como foi naquele dia?

– Eu nunca tinha caído. Naquele dia, rodei. Os malucos saíram na moto na minha frente, com os malotes. Estava tudo dando certo. Disparou o alarme, o segurança filho da puta atirou. A gente saiu avoadado. Os dois na frente com os malotes e eu dando cobertura. Sapequei dois tiros no paraíba e me mandei. Os caras entraram duas ruas na contramão e caíram na marginal. Eu acelerei, mas não passei eles, fui só acompanhando. Do nada, apareceu duas viaturas, os gambés com as armas pra fora, gritando: encosta, encosta. Os dois aceleraram mais e eu também. Escutei um tiro, mas não parei. Olhava só pra frente, desviando dos carros. Eles zoando em zigue-zague. Quando a Blazer emparelhou com eles, pensei: fudeu. Vão dançar. Vou sair fora. Aí o Robinho abre os malotes e despeja a grana. Coisa de louco. O dinheiro voando pela Marginal, os carros desviando, outros brecando seco.

Neguinho parando pra pegar nota de cinqüenta no chão em plena marginal, três da tarde. Fiz um oito e arranquei com a moto. A Blazer e o Santana dos gambés diminuíram a velocidade, olhei rapidinho pra traz, tava um puta furdunço. Tinha até carro batido, lá. Não vi os dois na moto da frente, na Ponte João Dias eles entraram, saíram pelo São Luiz. Eu resolvi seguir em frente e sair na ponte da Calói. Não vi quando um carro da civil emparelhou comigo. O filho da puta atirou. Fiz um zigue-zague e acelerei. Lá na frente, senti que estava sem força na mão direita, a moto balançou e eu caí. Minha perna queimava, a cabeça rodando e eu fiquei sem ar, dentro do capacete. Escutei umas vozes, a vista escureceu. Apaguei.

– E quando você descobriu que não podia andar?

– Ah foi no hospital. Lá no Campo Limpo, o médico veio com uma enfermeira gostosinha e falou tira a gaze e faz a sutura. Antes, limpa e deixa o buraco da bala que vou ver se consigo tirar. Ela veio, passou alguma coisa na minha perna, mexeu com ela de um lado pro outro. Eu não senti nada. Ela falou para uma das moças que fazia a limpeza: “Traz o papel descartável, que esse porcalhão sujou todo o lençol”. Eu pensei que era do sangue, que ela falava. Mas eu tinha me cagado todo e não tava sentindo nada. Fizeram a limpeza, me viraram de lado, ela mexeu nos furos das balas, eu ali. Não era comigo. Ela perguntou: dói? E eu respondi: não. Ela falou para o médico novinho que estava ali: esse aí não assalta mais. Está paralítico.

– E você?

– Pedi para ela olhar pra mim e falar na minha cara. Falei baixinho: sua vaca, fala olhando pra mim. Ela falou pro médico: vamos embora, ele vai apagar com o sedativo, amanhã dão alta para ele, vai direto pra cadeia. Apaguei mesmo. Acordei na enfermaria do CDP, três dias depois. Depois de

uma semana, me trouxeram uma cadeira de rodas. Fui correndo pelos corredores até a porta. Queria sair de lá. Na porta de vidro, a claridade do sol me cegava. Parei. Com a mão na frente dos olhos, tive uma tonteira. Apaguei na cadeira. Acordei bem tarde, tava na cela. Tinha mais três caras comigo lá.

– Deixa eu te perguntar: quantos foram?

– Tiros? Dezoito. Onze numa perna, três nas costas, quatro na outra perna. Ficou parecendo uma peneira.

– Quantos anos você pegou?

– Peguei dez. Paguei três. Teve duas rebeliões, mas não entrei. Me deram a condicional por bom comportamento. Numa cadeira de rodas, só podia dar bom comportamento, né não?

Rimos bastante. Assim, de longe, quem visse achava que éramos dois amigos. Não éramos. Estávamos em lados diferentes.

Enquanto anotava uma coisa aqui, outra ali, pensava: como é que pode. Um moleque novo, a vida pela frente, joga tudo assim. Três anos de cadeia, uma cadeira de rodas, nenhuma esperança na vida. Não é revoltado. Mesmo na cadeira, continua na firma. O Boka confia muito nele. Não deixa faltar nada. E depois que mataram a irmã do Boka, a Lucinha, ele está mais devagar. Não parou com a função. Ainda tem os meninos que fazem o trampo pra ele. Continua traficando, paga o pedágio para os homens do distrito.

A Ivete se amigou com um maluco lá do Rio de Janeiro, comando vermelho. Parece que o cara pegou trinta anos, e o Boka saiu umas duas vezes com ela ainda, depois disso, em algumas visitas que ela fez.

A Soninha sumiu. A Lourenço Dias está como sempre foi. Uma rua decadente, num bairro pobre na zona sul de São Paulo. As fitas continuam sendo dadas por um caixa de ban-

co, um vigia de carro forte. Mês passado fizeram dois Bradesco, um Itaú e dois Banco do Brasil. Banco do Brasil é bom, os seguranças têm ordem de não atirar.

Guguinha agora faz o controle das vendas, cobra os camaradas e fica ouvindo seu Ipod. Na casa dele o Boka mandou pôr uma tv de plasma e fazer uma rampa, pra ele descer com a cadeira de rodas. Mas o que ele gosta mesmo é de descer com a cadeira empinada para trás, com a marcha reduzida, o motor roncando, parecendo que vai estourar.

Às vezes, o Boka manda buscá-lo, coloca numa moto e dá uns rolês pelo Lídia. Vão lá no Bar do Mocotó. Quebram umas brejas, ficam de boa e marcam as paradas. Vida Loka.

– É, o Bagulho é doido, seo Valter.

PASSANDO A RÉGUA

Turquinho, Nugete e Robinho (aquele que abriu os malotes em plena Marginal Pinheiros) morreram numa tentativa de seqüestro relâmpago, quando trocaram tiros com a polícia; Lucinha a irmã do Boka, uma menina bonita, morreu numa madrugada quando voltava de uma balada e pegou carona com uns caras errados. Levou um punhado de tiro.

Ivete e Soninha sumiram no mundo.

Deco, Sandrinho e Bill estão cumprindo pena em Pres. Bernardes.

O Boka continua lá na Lourenço Dias, firme e forte, comandando o tráfico, e tem o Guguiha como seu braço direito.

Joelson, o perueiro ficou rico, conheceu Kalyane, sobrinha de dona Laura que veio do Recife. Namoraram e se casaram. Tem dois filhos, moram no Taboão da Serra.

Graça, a mulher do Quirino, também conhecido como Izé ou Borracha, ainda toca o negócio dos pneus. Foi morar com o Roberto, o militar que tinha esquema com seu finado marido.

José Adamantino, que fora conhecido como Zé Corvo agora é pastor, conseguiu estudar, fez curso de teologia lá da igreja dele. Os cultos são muito freqüentados. Vem gente de longe para ouvir aquele pastor que sempre tem uma palavra amiga, de esperança e conta umas histórias de sofrimento como ninguém. Edinho, seu irmão, pegou dez anos de cadeia. Uma fita dada, casa noturna ali em Moema. Era segurança lá. Descobriram que era ele quem dava os lances pros manos fazerem o arrastão. Dançou.

Mauro, o outro irmão também foi pra igreja. Casou com uma moça de lá. Já tem cinco filhos. Saiu fora a tempo. Estava pedido, ele sabia disso.

Padre Gregório é o pároco da igreja Nossa Senhora do Carmo. Veio de Natal, Rio Grande do Norte. Os fiéis gostam muito dele. Amável, paciente e sempre pronto a socorrer os mais necessitados. Serviço ali, não falta.

Elisa e seu marido mudaram-se para o litoral. Compraram uma casa em Mongaguá. É modesta, confortável e um porto seguro para quem teve vida tão atribulada. Ela está feliz. O marido cansado de idas e vindas, tantas mudanças e percalços, não quer nem ouvir falar de voltar para a capital. Sente-se bem onde está. Já não é mais um menino, costuma dizer. Elisa sabe disso.

O Capão Redondo tem um comércio bem forte. Chegou o metrô. Os imóveis ao redor valorizaram muito. Vieram agências bancárias, grandes lojas de móveis e roupas. A construção do Shopping Campo Limpo, trouxe outro alento para a região.

Na essência tudo continua igual. Os noticiários têm material garantido por lá, embora ONG's, movimentos populares e a mídia, façam a sua parte.

Vida que segue. Vida loka, como dizem.

Livro produzido pela
Câmara Brasileira de Jovens Escritores
Rio de Janeiro - RJ - Brasil
<http://www.camarabrasileira.com>
E-mail: cbje@globo.com